



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CAROLINA MACIEL DE SOUZA

**A GRAMÁTICA DE VALÊNCIA E A LÍNGUA KAINGANG:
UM CONTRASTE COM A LÍNGUA PORTUGUESA**

Londrina
2022

CAROLINA MACIEL DE SOUZA

**A GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS E A LÍNGUA KAINGANG:
UM CONTRASTE COM A LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silveira

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S729g Souza, Carolina Maciel de.
A Gramática de Valências e a Língua Kaingang : um contraste com a Língua Portuguesa / Carolina Maciel de Souza. - Londrina, 2022.
65 f. : il.

Orientador: Marcelo Silveira.
Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2022.
Inclui bibliografia.

1. Kaingang - Tese. 2. Gramática de Valências - Tese. 3. Gramática Pedagógica - Tese. 4. Linguística Contrastiva - Tese. I. Silveira, Marcelo . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

CAROLINA MACIEL DE SOUZA

**A GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS E A LÍNGUA KAINGANG:
UM CONTRASTE COM A LÍNGUA PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Prof. Orientador Dr. Marcelo Silveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Maria José Guerra de Figueiredo
Garcia
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Maxwell Gomes Miranda
Universidade Federal do Mato Grosso -
UFMT

Londrina, 15 de fevereiro de 2023.

SOUZA, Carolina Maciel de. **A Gramática de Valências e a Língua Kaingang**: um contraste com a língua portuguesa. 2022. 66 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo auxiliar na elaboração de uma gramática pedagógica do Kaingang, com bases conceituais advindas da teoria da Gramática de Valências. O termo *valência* foi inicialmente adotado pelo linguista francês Lucien Tesnière, cujo conceito influenciou o desenvolvimento de modelos de gramática de dependência na Europa e na Rússia. Este estudo é embasado na Gramática de Valências e contribui para a descrição da estrutura da Língua Kaingang, utilizando-se do contraste com a Língua Portuguesa. Assim sendo, descrevemos a estrutura da língua Kaingang à luz da Gramática de Valências e suas relações de dependência, contrastando com a Língua Portuguesa, para contribuir com a elaboração de uma gramática pedagógica da Língua Kaingang.

Palavras-chave: Kaingang. Gramática de Valências. Gramática Pedagógica. Linguística Contrastiva.

SOUZA, Carolina Maciel de. **The Valency Grammar and the Kaingang Language: a contrast with the Portuguese language.** 2022. 66 f. Dissertation (Master's in Language Studies) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

This dissertation aims to assist in the elaboration of a pedagogical grammar of the Kaingang, with conceptual bases arising from the Valency Grammar theory. The term *valency* was initially adopted by the French linguist Lucien Tesnière, whose concept influenced the development of dependency grammar models in Europe and Russia. This study is based on the Valency Grammar and contributes to the description of the structure of the Kaingang language, using the contrast with the Portuguese language. Borba (1996) says that valency consists of the predisposition of a property of elements capable of distinguishing their classes from other classes of the same syntagmatic level when they are linked to a clause structure. Contrastive Linguistics, in turn, aims to compare two or more languages for determining both their similarities and differences. Therefore, we describe the structure of the Kaingang language in the light of the Valency Grammar and its dependence relationships, contrasting it with the Portuguese language, in order to contribute to the elaboration of a pedagogical grammar of the Kaingang language.

Keywords: Kaingang. Valency Grammar. Pedagogical Grammar. Contrastive Linguistics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 – Distribuição das línguas do Tronco Macro-Jê.....	27
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Composição do Tronco Macro-Jê.....	26
Quadro 2 – Vogais orais.....	29
Quadro 3 – Vogais nasais.....	29
Quadro 4 – Consoantes oclusivas.....	29
Quadro 5 – Consoantes contínuas.....	29
Quadro 6 – Ordem das palavras na Língua Kaingang.....	31

LISTA DE ABREVIÇÕES

1	1ª pessoa
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
AG	agente
CIR	circunstância
DEM	demonstrativo
ERG	ergativo
EXIST	marcador de existência
F	feminino
FUT	futuro
HAB	habitualidade
IMP	imperativo
IND.A	indicador de aspecto
IND.CIR	indicador de circunstância
IND.FUT	indicador de futuro
IND.S	indicador de sujeito
INT	interrogativa
INTENS	INTENSIFICADOR
M	masculino
MF	marcador de feminino
MO	modo
MS	marcador de sujeito
NOM	nominativo
NUC	núcleo oracional
PL	plural
OD	objeto direto
PERG	pergunta
PFV	perfectivo
POSP	posposição
POSS	possessivo
PP	pronome possessivo
SG	singular

TÓP	tópico
V	verbo
V.I	verbo intransitivo
VERBALIZ	verbalizador
V.S	verbo semitransitivo
V.TR	verbo transitivo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1 A Gramática de Valências	14
1.2 A Linguística Contrastiva	15
1.3 Breve Cenário a Respeito dos Estudos da Língua Kaingang	18
1.4 Terra Indígena Apucarantina	19
1.5 O povo Kaingang	20
2 METODOLOGIA	23
3 A LÍNGUA KAINGANG	25
3.1 A ordem oracional no Kaingang.....	29
3.2 A ordem oracional no Português.....	31
4 ANÁLISE	33
4.1 Valência verbal na língua Kaingang.....	33
4.2 Valência quantitativa	34
4.2.1 Verbos Avalentes.....	34
4.2.2 Verbos Monovalentes	35
4.2.3 Verbos Bivalentes.....	38
4.2.4 Verbos Trivalentes.....	45
4.2.5 Verbos Tetravalentes.....	54
Contrastes preliminares	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Os indígenas que vivem na Terra Indígena Apucarantina (localizada no município de Tamarana, no norte do Paraná) se comunicam invariavelmente por meio da língua Kaingang; são conversas do dia a dia, reuniões de família, encontros religiosos, entre outros. Porém, a língua Portuguesa também é presente no cotidiano dessa comunidade, principalmente pelos meios de comunicação, como rádio, televisão e internet.

Apesar de terem esse tipo de contato com a Língua Portuguesa, existem situações em que os indígenas precisam sair da Terra Indígena (TI) e buscar, em cidades próximas, por serviços voltados às áreas da saúde, alimentação, educação, entre outros. Nesse contato necessário, apresentam dificuldades de comunicação para utilizar a língua Portuguesa. Observando isso, colocamos-nos uma questão: como fazer para que os Kaingang tenham um aprendizado eficiente da Língua Portuguesa, para suas necessidades? Como utilizar a L1 (Kaingang) para construir o conhecimento na L2 (Português)?

A necessidade de uma Gramática Pedagógica da língua Kaingang, demandada pelos próprios professores bilíngues da TI Apucarantina, somada ao contato linguístico cada vez mais frequente com a língua Portuguesa, nos levou a pesquisar as dificuldades que estão na base do aprendizado da L2 pelos falantes da L1, bem como uma possível estratégia para minimizar esse que é considerado problema para alguns, visto que necessitam de uma comunicação mais eficiente ou mesmo desejam compreender mais os processos de comunicação na L2.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo estabelecer um contraste entre a Língua Portuguesa e a Língua Kaingang com o propósito de auxiliar o ensino e também fornecer fundo teórico para a elaboração de uma gramática pedagógica da Língua Kaingang, gramática esta que leve em consideração não apenas fatores linguísticos e sociolinguísticos, mas também respeite o povo Kaingang e sua cultura, que se reflete na gramática da língua.

Assim, foi feita, com base teórica da gramática de valências e da linguística contrastiva, uma comparação entre a ordem das palavras no português e no Kaingang. Para isso, foram analisadas algumas orações afirmativas, negativas e interrogativas em português e em Kaingang e, a partir delas, foram descritas as

semelhanças e as diferenças desse tópico entre as duas línguas que foram contrastadas.

Dessa forma, no capítulo 1, foi estabelecido o referencial teórico a ser utilizado. Após isso, a gramática de valência foi abordada. Ela consiste em uma gramática que trabalha em função dos aspectos pertinentes, funcionais da língua e não restringe suas colocações e análises aos aspectos morfosintáticos. Por isso, não priva o falante de explicar uma frase a partir de categorias sintáticas e semânticas e pode ser aplicada em qualquer língua.

Após a contextualização do que é a gramática de valências e de um breve histórico dela, o mesmo foi feito com relação à linguística contrastiva. O objetivo da linguística contrastiva é a comparação de duas – ou mais – línguas, é determinar as semelhanças e as diferenças das línguas que estuda.

Assim, por meio da gramática de valências e da linguística contrastiva, foi possível estabelecer as semelhanças e as diferenças entre a língua portuguesa e a língua Kaingang no que diz respeito à ordem das palavras. Foi analisado o que há de similar, igual ou diferente entre elas nesse sentido. Seguindo, foi apresentado um breve cenário a respeito dos estudos acerca da Língua Kaingang.

A metodologia, apresentada no capítulo 2, foi inicialmente a pesquisa bibliográfica em teorias já existentes sobre a gramática de valências, a linguística contrastiva e a língua Kaingang. A coleta de dados foi realizada por meio de situações reais de fala com participantes falantes da língua Kaingang. Apesar das limitações devido à pandemia da Covid-19, a coleta pôde ser realizada por gravações feitas pelos participantes, via áudio de WhatsApp, enviados pela colaboradora participante, a professora bilíngue Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, moradora da Terra Indígena Apucaraniha.

Após a coleta, reuni ao banco de dados do projeto de pesquisa do qual faço parte, que conta com materiais de escrita e audiovisuais transcritos pela colaboradora participante, convertidas para linguagem formal e traduzidas. Também foram realizadas algumas considerações sobre as características da língua Kaingang, com o objetivo de entendê-la melhor.

Com todo material de pesquisa pronto, apliquei a gramática de valências nas orações coletadas, mostrando a diferença entre as classificações de acordo com a gramática tradicional (GT) a fim de contribuir para a compreensão da estrutura gramatical da língua Kaingang em contraste com a língua Portuguesa.

O próximo passo desta pesquisa foi abordar aspectos básicos relacionados à língua Kaingang, como sua ordem oracional, que foi o principal foco deste trabalho. Também foi abordada a ordem oracional do português, para que se pudesse estabelecer o contraste entre as duas línguas. Na sequência, vieram as considerações finais a respeito do trabalho e também as referências utilizadas para a realização dele.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Línguas são diferentes por si só, não apenas em termos lexicais – que é o que geralmente mais se comenta em conversas do dia a dia, ao se contrastar línguas pelos falantes e seus saberes populares (BARONAS; COX, 2019) –, mas também fonológica, morfológica, sintática, semântica e pragmaticamente falando. Por fazerem parte, de troncos linguísticos diferentes, as diferenças entre tais línguas é ainda maior do que, se contrastarmos, por exemplo, português, espanhol, francês e italiano (da família itálica, do tronco Indo-Europeu) ou, por outro lado, Kaingang e Xokleng-Laklanõ, estas que são línguas da família Jê Meridional (tronco Macro-Jê) (VEIGA, 2004).

Para tanto, usamos como base teórica as teorias da Gramática de Valências e da Linguística Contrastiva.

As valências são inquestionavelmente um aspecto importante da descrição gramatical; a classificação dos verbos, segundo as valências, é igualmente importante nessa teoria, pois essa classe gramatical é o centro dinâmico da frase e opera com noções importantes quando se fala de um trabalho contrastivo: noção de dependência, de valência e a de plano de construção frásica.

De acordo com a Gramática de Valências, o verbo tem esse destaque maior, porém a teoria também se aplica às estruturas das classes gramaticais como: os adjetivos, os substantivos e, em alguns casos, os advérbios.

A linguística contrastiva se torna essencial quando falamos em ensino de línguas, pois o modelo de interlíngua favoreceu de forma importante o processo de ensino e de aprendizagem de língua porque, entre outras coisas, promoveu propostas para o tratamento de erros, estudos com vistas à definição das operações cognitivas subjacentes à construção de enunciados em línguas estrangeiras, à compreensão das estratégias de comunicação e de aprendizagem, assim como introduziu o conceito de *fossilização* no campo do ensino e da aprendizagem de línguas.

A interlíngua consiste, de acordo com Selinker (1972) – a quem inicialmente foi atribuída a utilização do termo –, na existência de um sistema linguístico que se baseia na tentativa do aprendiz de produzir enunciados na língua que é o seu alvo. Assim, esse fenômeno é capaz de demonstrar a ocorrência de padrões de erros e de estratégias comunicativas. Quando esses erros se tornam permanentes e estáveis no processo de aquisição da linguagem ocorre o fenômeno chamado fossilização.

Esse trabalho é especialmente voltado a dar início às reflexões sobre a contrastação entre as Línguas Portuguesa e Kaingang, por isso descrevemos os aspectos pertinentes a cada língua, exemplificando com orações simples e utilizando a Gramática de Valências, a fim de fornecer elementos para a elaboração de uma gramática pedagógica de línguas indígenas.

1.1 A GRAMÁTICA DE VALÊNCIAS

Abordamos a gramática de valências, pois ela dá uma visão geral da sintaxe e da semântica do verbo, nomeadamente a posição do complexo verbal como determinante de outros fenômenos posicionais.

A Gramática de Valências trabalha em função dos aspectos pertinentes, funcionais da língua e não restringe suas colocações e análises aos aspectos morfossintáticos. Por isso, não priva o falante de explicar uma frase a partir de categorias sintáticas e semânticas.

Podemos aplicá-la a qualquer língua das ordens das palavras nas frases, evitando restringir as categorias abordadas pela gramática de tradição europeia, que não dá conta da totalidade do sistema gramatical. A classificação de acordo com a gramática de valências contribui diretamente com as línguas indígenas, ilustrando por meio de seus *lugares vazios* algumas expressões que não se classificam na gramática tradicional. Por meio da gramática de valências descrevemos o uso e o funcionamento do verbo em orações simples do Português e do Kaingang.

O termo *Valência* foi adotado pelo linguista francês Lucien Tesnière (1893-1954) e seu conceito influenciou o desenvolvimento de modelos de gramática de dependência na Europa e na Rússia. A gramática de dependência é uma relação de “*depende de*” que se estabelece entre elementos básicos da oração. Pode ser interpretada como uma relação de ocorrência, isto é, um elemento depende de outro para ocorrer, pressupõe a necessidade da presença de outro elemento.

Para a teoria de Valências, o núcleo da gramática é a semântica e a sintaxe, porém a morfologia não é descartada; neste caso, caminha junto com a sintaxe e são conhecidas como propriedades morfossintáticas. Na Gramática de Valências, o verbo é considerado o centro dinâmico de uma frase, ou seja, ele é tratado como elemento principal de uma oração. Essa teoria se preocupa com a relação entre a forma e o

conteúdo na totalidade dos seus elementos, da exterioridade, da semantividade e da textualidade.

Entendemos que determinados lexemas são relacionais, que em sua estrutura o seu significado inclui uma relação de um com o outro; por exemplo, o substantivo *filha*, que demanda que “lugares vazios” sejam preenchidos para que tenha um sentido lógico; esses “lugares” estão ao redor do lexema, neste caso respondendo às seguintes indagações relacionadas à palavra em questão, “*Quem é a filha? Filha de quem?*” Ao responder a essas duas perguntas, preencheremos esses *lugares vazios*, que também poderemos chamar de *Argumentos* ou *Valências*; dessa maneira, conseguimos dar um sentido a esse lexema, que passa a ser uma estrutura totalmente relacional e que faz com que estes *argumentos* flutuem sobre tal lexema, tornando-se elementos que se relacionam com o núcleo da frase.

Na gramática tradicional, não há essas abrangências de propriedades morfológicas ou morfossintáticas, que são o foco na Gramática de Valências, além de ela não fazer essa descrição que distingue os diversos fatos da língua. Notamos essas distinções na comparação entre a gramática tradicional e a Gramática de Valências, portanto mostraremos seus pontos de vista mais relevantes na estrutura oracional.

De acordo com a Gramática de Valências, o verbo tem esse destaque maior, porém a teoria também se aplica às estruturas das classes gramaticais como: os adjetivos, os substantivos e, em alguns casos, os advérbios.

1.2 A LINGÜÍSTICA CONTRASTIVA

A linguística contrastiva nos permite identificar as áreas de dificuldade ao ensinar uma segunda língua e quais serão seus desdobramentos.

A Linguística Contrastiva é uma teoria linguística sumamente importante, porque seus pressupostos abarcam elementos úteis no sentido de identificar o que se deve ensinar e como fazê-lo, já que leva em consideração cada um dos idiomas em questão, assinalando suas peculiaridades frente ao outro (DURÃO, 2004, p. 11).

Baseando-nos nesses aspectos, podemos reformular ou adequar os materiais de ensino e atividades, visando ao melhor aprendizado dos alunos.

O surgimento da Linguística Contrastiva se deu durante a Segunda Guerra Mundial (final da década de 40), devido à necessidade dos soldados de se infiltrar em países adversários, dominando a língua estrangeira e se apropriando dela de maneira

que não fossem identificados; nasceu, então, com intuito didático-pedagógico (SANTOS GARGALLO, 1993).

Os estudos sobre linguística contrastiva só começaram a ser aplicados à pedagogia das línguas em meados do século XX. A partir da Segunda Guerra Mundial e das necessidades derivadas das mudanças ocorridas em função dessa guerra é que se desencadeou uma preocupação científica para revisar materiais e técnicas de ensino de línguas com o fim de atender à necessidade de aprendizagem dos alunos.

Sua materialização se deu por meio dos primeiros dicionários bilíngues, analisando e contrastando tanto a língua materna quanto a língua estrangeira.

Os autores dos primeiros dicionários bilíngues podem ser considerados como os primeiros investigadores na área de estudos contrastivos. Estes, sendo movidos pelos incentivos práticos, procuram correspondências de palavras e conceitos de outras línguas na sua língua materna (IARTSEVA, 1981, p. 30). No início, a linguística contrastiva não era vista como uma ciência independente, mas sim como uma das ramificações da Linguística Aplicada; ela tem como objetivo de estudo o contraste de dois ou mais sistemas linguísticos.

A língua é veículo de comunicação verbal e não verbal que a sociedade utiliza para manifestar seu pensamento e que, portanto, está diretamente relacionada ao contexto sócio-histórico, político, econômico, pragmático e cultural, daí a ser interativa, dinâmica e passível de mudanças (FERREIRA, 2019).

O objetivo da linguística contrastiva é a comparação de duas – ou mais – línguas, não se apegando a suas origens ou tipos. O que a linguística contrastiva procura é determinar as semelhanças e as diferenças das línguas que estuda.

De acordo com Franco (2014), essa concepção a respeito da linguística contrastiva se trata de um ponto de vista mais recente sobre ela, sendo o estado em que ela se encontra após uma série de longos debates terminológicos. Inicialmente, a linguística contrastiva focava exclusivamente nos contrastes entre as línguas estudadas por meio dela.

A partir da década de 70, muitas críticas começaram a ser feitas a respeito dessa característica da linguística contrastiva, afirmando que ela consistia em algo descritivamente incompleto. Assim, Zabrocki (1970) propôs que tanto as diferenças como as semelhanças entre as línguas fossem objeto de estudo da linguística contrastiva. Dessa forma, foi reconhecida a importância de se considerar também as

semelhanças e identidades de elementos isolados ao se falar sobre descrição linguística.

Nesse contexto, pensou-se que comparar sistematicamente uma língua materna e uma língua estrangeira ou adicional poderia levar à identificação de semelhanças e diferenças entre as línguas e, assim, evidenciar as áreas de dificuldade de aprendizagem.

Dentre os motivos que levaram esta pesquisa a utilizar a linguística contrastiva unida à gramática de valências está o fato de que, de acordo com Franco (2014), uma comparação entre línguas deve ser feita com base em um mesmo modelo de gramática.

A gramática de valências descreve a partir do sentido das partes para o todo, explicando este por meio daquelas. Dessa maneira, as unidades linguísticas ocorrem ou são representadas uma única vez, sendo as relações entre os elementos entendidas como co-ocorrências. Assim, a ocorrência de um elemento permite a conclusão de que outros elementos ocorrerão também. Desse modo,

[...] um elemento X é condição para a ocorrência de, por exemplo, Y e Z. É disso que dão conta os diagramas (stemmata) utilizados por este modelo gramatical: a ordenação ou a disposição dos elementos é tal que a dado elemento é conferida uma posição mais elevada (FRANCO, 2014, p. 176).

Dessa forma, tem-se a ocorrência de um regente (posição mais elevada) e do dependente (posição mais baixa).

Normalmente, as gramáticas atribuem a posição mais elevada ao verbo, sendo os seus dependentes chamados de actantes ou complementos. Assim, a valência consiste em um traço inerente aos verbos.

Ao se operar com a classe de palavras dos verbos, pode-se afirmar que o número de posições vazias é exigido por esses elementos e se encontram ancoradas no seu plano posicional. Nesse sentido, ao se aplicar a gramática de valências, há a possibilidade de uma base segura para a descrição das diferenças e semelhanças das frases na língua Portuguesa e na língua Kaingang.

Por meio dessa gramática, de acordo com Franco, é possível estabelecer os princípios que regem a ordem das palavras nas frases. Esse é um dos principais motivos para a escolha da gramática de valências e da linguística contrastiva para este trabalho. Por meio delas, foi possível estabelecer as semelhanças e as diferenças entre a língua Portuguesa e a língua Kaingang no que diz respeito à ordem das

palavras em orações simples. Foi analisado o que há de parecido, igual ou diferente entre elas nesse sentido.

A seguir, é apresentado um breve cenário dos estudos acerca da língua Kaingang.

1.3 BREVE CENÁRIO A RESPEITO DOS ESTUDOS DA LÍNGUA KAINGANG

Devemos levar em consideração a questão linguística vinculada aos aspectos culturais, pois, se o falante desconhecer totalmente o contexto de fala, pode estar sujeito a julgamentos por ter intenção de falar algo e na realidade dizer outra coisa: na cultura Kaingang, por exemplo, não é comum perguntar o nome das pessoas diretamente a elas, pois não gostam de falar seu nome para alguém; fica-se sabendo do nome de uma pessoa quando uma terceira o pronuncia (FELISBINO, 2020). Essas questões são imprescindíveis quando se fala sobre pesquisar com povos indígenas. Porém, ainda há muito receio e certa relutância em relação a aprender sobre os costumes desses povos e respeitar sua cultura.

De acordo com Alves (2021), ainda há um olhar imperialista muito forte no que diz respeito aos estudos com povos indígenas. Linda Tuhiwai Smith, nesse sentido, ensina que

Algumas metodologias consideram que os valores, as crenças, as práticas e os costumes das comunidades são obstáculos para a pesquisa, ou são costumes exóticos com os quais o pesquisador deve estar familiarizado para que possa realizar seu trabalho sem correr risco de causar ofensa [...]. Esses fatores [...] devem ser explicitamente incorporados à pesquisa [...] e acerca dos quais se deve discutir como parte dos resultados de um estudo, entre outras coisas, para incluí-los na devolução e/ou divulgação, em uma linguagem compreensível para a comunidade. Porém, isso não impede que se escreva com o objetivo de publicar em meios acadêmicos; trata-se simplesmente de uma abordagem respeitosa e ética [...]. Duas maneiras importantes, embora nem sempre adotadas pelas pesquisas científicas, são “devolver às pessoas” e “compartilhar conhecimentos” (SMITH, 2018, p. 28).

Assim, de acordo com Alves, “é necessário que a pesquisa com povos indígenas seja um compartilhamento de saberes, visando contribuir para preservar e propagar a cultura, língua e costumes, não apenas do povo Kaingang, mas de todos os povos indígenas” (ALVEZ, 2021, p. 15).

Levando em consideração os conceitos expostos, contrastamos uma língua indígena da América do Sul e uma língua de origem europeia na América do Sul, o

Kaingang e o Português. É de se considerar, nesse contexto, a concepção de “língua materna”, visto que ela pode variar; afinal, o que é língua materna quando falamos em terras indígenas em regiões metropolitanas, em que os indígenas estudam e trabalham fora de sua terra?

De acordo o artigo 13 da Constituição Federal Brasileira, no capítulo sobre a nacionalidade, diz-se: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”, porém, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), existem 274 línguas indígenas faladas por indivíduos de 305 etnias diferentes.

O Censo 2010 revelou também que um total de 37,4% dos indígenas de 5 anos ou mais falavam uma língua indígena no domicílio. Observa-se também um percentual de 17,5% que não falava o português.

O percentual de indígenas que fala a língua indígena no domicílio aumenta para 57,3% quando consideramos somente aqueles que vivem dentro das Terras Indígenas; da mesma forma, aumenta para 28,8% o percentual daqueles que não falam o português. Essa característica confirma o importante papel desempenhado pelas Terras Indígenas no tocante às possibilidades de permanência das características socioculturais e estilos de vida dos indígenas.

1.4 TERRA INDÍGENA APUCARANINHA

De acordo com a realidade da TI Apucarantina, onde vivem os indígenas Kaingang participantes deste estudo, é preciso entender a complexidade linguística a partir da realidade do lugar onde a interlíngua está ocorrendo, bem como devem ser levados em consideração os fatores sociais entre a cidade e as aldeias (a TI Apucarantina é composta por quatro aldeias: Água Branca, Barreiro, Sede e Serrinha).

A maioria das crianças indígenas que vivem na TI Apucarantina tem o conhecimento prévio da Língua Portuguesa por ter acesso a televisão, rádio e redes sociais. Mas, quando se trata de situações específicas, como ir ao hospital, alguns indígenas precisam de acompanhante para poder compreender o que o médico está dizendo e também para se fazer entender. Essa realidade está mais perto dos indígenas do que imaginamos, afinal eles não precisam sair da aldeia para encontrar

as dificuldades, pois, no próprio posto de saúde na TI, o atendimento é realizado por médicos não indígenas falantes de português (FELISBINO, 2020).

Considerando a língua Kaingang falada na TI Apucarantina e o Português, iniciamos esta pesquisa para colaborar com a produção de materiais para uso escolar, considerando as dificuldades ligadas à complexidade comunicativa em relação aos serviços para os quais os indígenas precisam sair da TI, as diferenças e semelhanças com o Português, o pouco material produzido e também com o intuito de colaborar com a comunidade indígena.

1.5 O POVO KAINGANG

A língua carrega a história, a cultura e o contexto social do povo que a fala, além de ser instrumento de interação. Por esse motivo, é imprescindível que se fale a respeito de seu povo Kaingang para que se possa abordar sua língua. Dessa maneira, neste capítulo abordamos a história do povo Kaingang.

De acordo com Domingues (2013), em sua dissertação intitulada *Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang*, não foi possível saber exatamente como ocorreu a ocupação territorial do Sul do Brasil por esses povos, apesar dos muitos estudos realizados. Muitos deles, ainda de acordo com a autora, acabaram por criar uma imagem inferiorizada desses povos.

Ainda assim, Jolkesky (2010), em sua dissertação *Reconstrução Fonológica e Lexical do Proto-Jê Meridional*, ressalta estudos e datações de dados arqueológicos que evidenciam o deslocamento de parte da família Jê, partindo da região Centro-Oeste em direção do estado de São Paulo e serras gerais, no Sul do Brasil, onde se instalaram. Do ponto de vista linguístico, Rodrigues (2012), ao fazer um estudo histórico-comparativo das línguas Jê, afirma que os Kaingang e os Xokleng fazem parte da família Jê, sendo denominados Jê Meridionais.

Em relação à origem da ocupação territorial do Sul brasileiro por esses povos, Domingues afirma que

[...] os Kaingang juntamente com os Xokleng integram o ramo Jê meridional. Todavia, a explicação sobre o surgimento dessas sociedades ainda é muito obscura e necessita de mais pesquisas de diferentes ramos científicos (DOMINGUES, 2013, p. 37).

Segundo Jéssica Brandet Alves (2021), em seu trabalho intitulado *Verbos Copulativos em Kaingang: um estudo na TI Apucarantina*, temos que,

De acordo com a Funai (2011), os Kaingang ocupam a terceira posição entre os povos indígenas mais numerosos do Brasil (com 37470 pessoas), sendo o maior grupo pertencente à família Jê. Com sua população estimada, para 2020, em 50 mil pessoas (segundo Felisbino, em comunicação oral), os Kaingang vivem em Terras Indígenas presentes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo (ALVES, 2021, p. 16).

O primeiro contato entre os Kaingang e os colonizadores europeus, de acordo com Veiga (1994), data do século XVII, com base nos registros feitos por padres jesuítas. Muitos desses indígenas, segundo conta a autora, não aceitaram viver com os jesuítas e passaram assim a viver nas florestas do Sul. Nesse período, notou-se a presença de Kaingang nas áreas de floresta de araucárias.

Segundo a autora, as primeiras tentativas de conquistas do território Kaingang ocorreram por volta do século XVIII, porém a reação violenta dos indígenas fez com que os colonizadores desistissem.

Ainda de acordo com Veiga (1994), no século XVIII, ocorreu o interesse pelas terras de Guarapuava, com ocupação do território pela expedição militar, o que ocasionou muita violência contra os indígenas, vistos como “os índios bárbaros”. Dessa maneira, ocorreu o aldeamento dos Kaingang.

A origem dos Kaingang é contada por meio da história de seus criadores, Kamẽ e Kanhrũ. Segundo Nimuendajú (1993, p. 58-59),

A tradição dos Kaingang conta que os primeiros desta nação saíram do chão, por isso eles têm a cor de terra. Numa serra do sertão de Guarapuava, não sei bem onde, dizem eles que até hoje se vê o buraco pelo qual eles subiram. Uma parte deles ficou embaixo da terra, onde eles permanecem até agora, e os que aqui em cima morrem vão se juntar outra vez com aqueles. Saíram em dois grupos, chefiados por dois irmãos por nome Kañerú e Kamé, sendo que aquele saiu primeiro. Cada um já trouxe um número de gente de ambos os sexos. Dizem que Kañerũ e sua gente toda eram de corpo fino, peludo, pés pequenos, ligeiros tanto em seus movimentos como nas suas resoluções, cheios de iniciativa, mas de pouca persistência. Kamé e seus companheiros, ao contrário eram de corpo grosso, pés grandes e vagarosos em seus movimentos e resoluções. Como foram estes dois irmãos que fizeram as plantas e os animais, e que povoaram a terra com seus descendentes, não há nada neste mundo fora da terra, dos céus, da água e do fogo, que não pertença ao clã Kañerũ ou ao de Kamé. Todos ainda manifestam sua descendência ou pelo seu temperamento ou pelos traços físicos ou pela pinta. O que pertence ao clã Kañerũ é malhado, o que pertence ao clã Kamé é riscado. O Kaingang reconhece esta pinta tanto no couro dos animais como nas pernas dos passarinhos, como também na casca, nas folhas ou na madeira das plantas.

Segundo Alves (2021),

Essa cosmologia se estende ao modo de vida Kaingang. Ainda hoje os Kaingang se dividem em dois clãs: os Kamẽ e os Kanhru. Os indivíduos pertencentes aos Kamẽ devem se casar com os pertencentes aos Kanhru. Os filhos pertencem ao clã do pai (ALVES, 2021, p. 17).

Outra característica dos Kaingang originada a partir dos Kamẽ e Kanhru é a diferença das funções desempenhadas por cada grupo. Como afirma Nimuendajú (1993), os Kamẽ são considerados de espírito mais forte e ficam com a liderança de rituais relacionados aos mortos. Os Kanhru são responsáveis pelas questões que abrangem política e guerras. As pinturas corporais também são diferenciadas a partir desses grupos, pois os Kamẽ utilizam traços compridos, enquanto os Kanhru traços redondos.

A influência da cosmologia Kaingang na sintaxe da língua foi estudada, em termos de concordância, por Silveira, Oliveira e Rodrigues (2022, no prelo).

2 METODOLOGIA

Para a realização desta dissertação, contei com as teorias existentes sobre a Gramática de Valências e Linguística Contrastiva para compreender seus funcionamentos, a fim de possuir experiência com a classificação das frases e no contraste entre as línguas. Para isso, foram utilizadas as pesquisas de Selinker (1972), Santos Gargallo (1993), Durão e Canato (2003) e Franco (2014)

A coleta de dados foi realizada por meio de situações reais de fala com participantes falantes da língua Kaingang. Apesar das limitações devido à pandemia da Covid-19, a coleta pôde ser realizada por gravações feitas pelos participantes, via áudio de WhatsApp, enviados pela colaboradora participante, a professora bilíngue Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, moradora da Terra Indígena Apucarantina.

Os equipamentos utilizados foram celulares e anotações. Bortoni-Ricardo (2008, p. 62) ensina que “a gravação eletrônica em vídeo ou áudio tem uma grande vantagem na coleta de dados porque permite ao observador ‘revisitar’ os dados muitas vezes para tirar dúvidas e refinar a teoria que está construindo”.

Reuni ao banco de dados do projeto de pesquisa do qual faço parte, que conta com materiais de escrita e audiovisuais e transcritas por Felisbino e traduzidas. Além disso, busquei exemplos de orações em Kaingang utilizadas em outros trabalhos já realizados e que também possuem vínculo com o projeto “Gramática, Bilinguismo e Multietnia”, do qual faço parte, além de ser o projeto ao qual a presente pesquisa está vinculada.

Com todo material de pesquisa pronto, apliquei a gramática de valências nas orações coletadas, mostrando a diferença entre as classificações de acordo com a gramática tradicional para contribuir para a compreensão da estrutura gramatical da língua Kaingang.

O levantamento de pesquisas relacionadas em banco de teses da Capes e Scielo apontou que não existe uma pesquisa voltada à Língua Kaingang cuja base teórica seja a Gramática de Valências, porém existem duas pesquisas que colaboraram com as referências para o meu trabalho: “A gramática de valências como modelo para a contrastação alemão-português: a ordem das palavras na frase alemã e portuguesa à luz desta gramática” (FRANCO, 2014) e “Entre a Gramática Tradicional e a Gramática *de Valências*” (SILVA, 2001).

Como principal referência para a tradução, utilizei o Dicionário Kaingang-Português (WIESEMANN, 2011) e o breve apêndice que o acompanha, bem como contei com a colaboração de Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, que também é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, além de participante do mesmo projeto.

A fim de facilitar a análise, algumas abreviações foram utilizadas para se referir aos termos presentes nas orações. Assim, o sujeito foi tratado na análise como S, os verbos intransitivos como VI, os verbos transitivos diretos são VTD e indiretos VTI. Os complementos verbais são apresentados como objeto direto (Od) e objeto indireto (Oi).

3 A LÍNGUA KAINGANG

Segundo Domingues (2013), as línguas indígenas do Brasil possuem origens semelhantes. Assim, muitas delas fazem parte das mesmas famílias linguísticas e troncos linguísticos, que consistem em grupos maiores. De acordo com Rodrigues (1994), os maiores troncos com representantes em terras brasileiras são o Tupi e o Macro-Jê.

O tronco Macro-Jê, do qual o Kaingang faz parte, possui ao todo nove famílias linguísticas, como mostra o quadro a seguir:

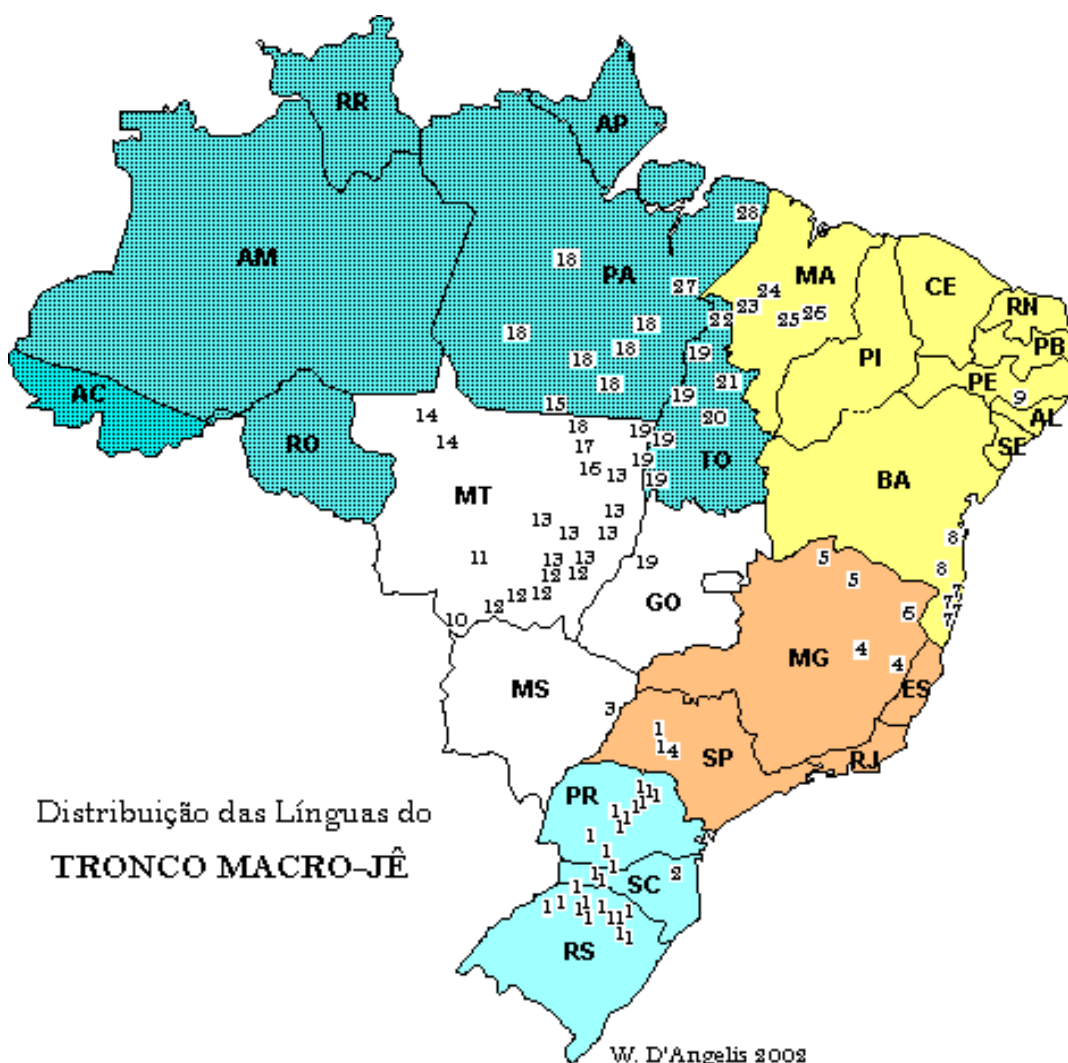
Quadro 1 – Composição do Tronco Macro-Jê

TRONCO MACRO-JÊ		
Famílias	Línguas	Dialetos
FAMÍLIA BORÓRO	Boróro Umutina	
FAMÍLIA KRENÁK	Krenák	
FAMÍLIA GUATÓ	Guató	
FAMÍLIA JÊ	Akwén	Xakriabá Xavánte Xerénte
	Apinayé	
	Kaingang	Kaingáng do Paraná Kaingáng Central Kaingáng do Sudoeste Kaingáng do Sudeste
	Kayapó	Gorotíre Kararaô Kokraimoro Kubenkrankegn Menkrangnoti Mentuktíre (Txukahamãe) Xikrín
	Panará	
	Suyá	Tapayúna
	Timbira	Canela Apaniekra Canela Ramkokamekra Gavião do Pará (Parkateyé) Gavião do Maranhão (Pukobiyé) Krahô Krenjê (Kren-yé) Krikatí (Krinkati)
	Xoklém (Aweikóma)	
FAMÍLIA KARAJÁ	Javaé	
	Karajá	
	Xambioá	
FAMÍLIA MAXAKALÍ	Maxakalí	
	Pataxó e Pataxó Hã-Hã-Hãe	
FAMÍLIA OFAYÉ	Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante)	
FAMÍLIA RIKBAKTSÁ	Rikibaktsá (Erikpksá)	
FAMÍLIA YATÊ	Yatê (latê, Fulniô, Carnijó)	

Fonte: Rodrigues (1994, p. 134).

Segundo Domingues (2013), as línguas do tronco Macro-Jê são as únicas presentes apenas em território brasileiro e estão distribuídas da seguinte forma:

Ilustração 1 – Distribuição das línguas do Tronco Macro-Jê



- | | |
|------------------------------|----------------------------------|
| 1. Kaingang (RS, SC, PR, SP) | 15. Panará (PA) |
| 2. Xokleng (SC) | 16. Suyá (MT) |
| 3. Ofaié (MS) | 17. Tapayuna (MT) |
| 4. Krenak (MG, SP) | 18. Kayapó – Mebengokre (PA, MT) |
| 5. Xakriabá (MG) | 19. Karajá (GO, MT, TO) |
| 6. Maxakali (MG) | 20. Xerente (TO) |
| 7. Pataxó (BA) | 21. Krahô (TO) |
| 8. Pataxó Hã-hã-hãe (BA) | 22. Apinayé (TO) |
| 9. Yatê / Fulniô (PE) | 23. Krikati (MA) |
| 10. Guató (MT) | 24. Pukobyé (MA) |
| 11. Umutina / Bororo (MT) | 25. Apaniekra (MA) |
| 12. Bororo (MT) | 26. Rankokamekra (MA) |
| 13. Xavante (MT) | 27. Kreyê (PA) |
| 14. Rikbaktsa (MT) | 28. Parakateyê (PA) |

Fonte: Domingues (2013, p. 51), adaptado de D'ANGELIS (2002, p. 102).

A língua Kaingang, dessa maneira, consiste em um componente da família Jê, que se trata da maior família do tronco linguístico Macro-Jê. Segundo Wiesemann,

pode-se afirmar que a língua Kaingang é uma das línguas indígenas mais faladas no Brasil e a distribuição geográfica do povo Kaingang em diversos territórios contribuiu para a formação de variedades dialetais, considerando as relações sócio-históricas entre os diferentes grupos.

Segundo D'Angelis (2002), a língua Kaingang tem diferentes dialetos porque é falada em dezenas de áreas indígenas em que vivem os Kaingang, ao longo dos três estados do Sul do Brasil e interior de São Paulo. No Paraná, segundo o autor, são reconhecidos pelo menos dois dialetos. Um deles se encontra nas áreas indígenas ao norte do Rio Iguaçu e o outro nas áreas abaixo desse rio. Sendo assim, D'Angelis não concorda com Wiesemann e diz ainda que são necessárias mais pesquisas para definir exatamente as fronteiras entre os dialetos.

Esses dialetos presentes na língua Kaingang possuem diferenças na pronúncia, no vocabulário e preferências de construção.

Sobre a ortografia da língua Kaingang, segundo Wiesemann (2011), foi desenvolvida em um longo processo, durando oito anos. De 1958 até 1966 foi desenvolvida a base sistemática e científica pela linguista em parceria com os Kaingang do Posto Indígena Rio das Cobras, no Estado do Paraná.

De acordo com a pesquisadora, a revisão mais importante que fizeram naquela época foi sobre o padrão silábico da língua Kaingang:

[...] certas palavras que se apresentavam como duas sílabas, de fato eram constituídas de uma só. A grafia errada dessas palavras apresentava um obstáculo maior para os que estavam querendo aprender a ler o Kaingang. A revisão solucionou esse problema (WIESEMANN, 2011, p. 8).

Após muitos debates entre a linguista e os professores bilíngues das diferentes regiões, foi possível entrar em acordo e ficaram estabelecidas as seguintes letras para o alfabeto Kaingang, divididas aqui em vogais orais e nasais, e consoantes oclusivas e contínuas, nos quadros 2 a 5, respectivamente:

Quadro 2 – Vogais orais

Fonemas	/i/	/e/	/ɛ/	/a/	/ə/	/ɔ/	/o/	/u/	/i:/
Grafemas	i	e	é	a	á	ó	o	u	y

Fonte: Ferro (2021, p. 20), baseada em Almeida (2008, p. 37).

Quadro 3 – Vogais nasais

Fonemas	/ĩ/	/ẽ/	/ã/	/ã̃/	/ũ/
Grafemas	ĩ	ẽ	ỹ	ã	ũ

Fonte: Ferro (2021, p. 20), baseada em Almeida (2008, p. 37).

Quadro 4 – Consoantes oclusivas

Fonemas	/p/	/m/	/t/	/n/	/ŋ/	/k/	/ŋ/	/ʔ/
Grafemas	p	m	t	n	nh	k	g	'
Alofones		[m] [^m b] [b ^m] [b ^m b] [p]		[n] [ⁿ d] [d ⁿ] [d ⁿ d] [t]	[ŋ] [ⁿ di] [id ⁿ] [id ⁿ di] [it] [itʃ] [iŋ]		[ŋ] [ⁿ g] [g ⁿ] [g ⁿ g] [k]	

Fonte: Ferro (2021, p. 20), baseada em Almeida (2008, p. 38).

Quadro 5 – Consoantes contínuas

Fonemas	/f/	/w/	/r/	/ʃ/	/j/	/h/
Grafemas	f	v	r	s	j	h

Fonte: Ferro (2021, p. 20), baseada em Almeida (2008, p. 38) e Kindell ([1961] 2008, p. 2).

3.1 A ORDEM ORACIONAL NO KAINGANG

A ordem oracional declarativa mais utilizada na língua Kaingang é sujeito, objeto e verbo (SOV). Porém, essa ordem pode sofrer alterações quando o núcleo do sujeito consistir em um pronome, alterando-se a ordem para objeto, verbo e sujeito (OVS).

Quadro 6 – Ordem das palavras na Língua Kaingang

Transitividade verbal	Sujeito nominal			Sujeito pronominal				
monovalentes	Sn		V		V	Sp		
bivalentes	Sn		Od	V	Od	V	Sp	
trivalentes	Sn	Oi	Od	V	Oi	Sp	Od	V

Fonte: Adaptado de Grabim (2020).

De acordo com Alves, podemos perceber, no quadro 6, que resume os exemplos de orações dados anteriormente,

[...] que as orações sempre apresentam sujeito; que o objeto direto sempre antecede o verbo, independentemente da classe gramatical do sujeito, se nominal ou pronominal; o sujeito nominal sempre vem antes do verbo e antes dos objetos, quando há; o objeto indireto fica à direita do sujeito nominal; quando o sujeito é pronominal, localiza-se no final da oração, exceto quando há objeto indireto, caso em que o sujeito pronominal se localiza antes do objeto direto, e o objeto indireto antes do sujeito pronominal, iniciando a oração (ALVES, 2021, p. 36).

É preciso fazer uma ressalva com relação às afirmações de Alves (2021) e dizer que ela só tratou de orações declarativas compostas somente das partes essenciais da oração, a saber, sujeito, verbo e objetos (quando havia).

3.2 A ORDEM ORACIONAL NO PORTUGUÊS

De acordo com a Gramática Tradicional, a ordem sujeito-verbo consiste na ordem predominantemente recorrente no Português brasileiro. A ordem verbo-sujeito, segundo Silva e Silva (2015), ocorre como forma de recurso estilístico. Isso significa que, para a GT, essa inversão acontece quando se deseja enfatizar algum constituinte da oração.

Segundo Berlinck, Augusto e Scher (2004), a inversão ocorre mais em frases interrogativas, reduzidas e exclamativas, assim como em verbos intransitivos. Outros fatores que influenciam nessa inversão estão relacionados à própria natureza do elemento deslocado, por exemplo, sujeitos oracionais, predicativo e adjunto adverbial.

Ainda segundo os autores, essa explicação dada a respeito da inversão não é satisfatória. Isso, pois, de acordo com os linguistas, essa inversão não ocorre apenas para dar ênfase a algum elemento, já que se trata de um fenômeno comum. Assim, se fosse apenas uma questão de ênfase, não ocorreria com tamanha frequência.

Os autores também afirmam que, se a inversão se trata de um recurso estilístico, deveria se encaixar em qualquer tipo de frase e verbo, não apenas se restringir aos tipos de oração e verbos citados. Além disso, para os autores, pode haver certa dificuldade ao procurar o elemento da frase que se quer enfatizar, ainda mais porque é possível que se queira enfatizar mais de um elemento.

Nesse sentido, os autores citam como exemplo a oração “Na festa vieram Manuelzão e o Augusto Matraca”. Nela, não é possível ter certeza se há um sujeito posposto – que seriam Manuelzão e o Augusto Matraca – ou um adjunto adverbial anteposto (Na festa) sendo enfatizado. De acordo com Silva e Silva (2015), questões deste tipo acabam ficando sem explicação pela Gramática Tradicional.

Segundo Botelho (2010), em seu artigo que leva o título *Ordem dos Termos em Português e a Topicalização*, os gramáticos buscam analisar a língua a partir da modalidade escrita. Para o autor, esse pode ser o motivo pelo qual se acredita fielmente que o Português é uma língua de ordem direta, pois é um uso bastante comum na língua escrita.

De acordo com o autor, um texto é considerado bem escrito quando possui objetividade, concisão, legibilidade, correção e obediência à norma padrão. Essas características, segundo Silva e Silva (2015) são muito importantes quanto à referenciação. No entanto, não é incomum que se encontre nos textos orais e escritos frases estruturadas de maneira deslocada da ordem canônica.

Dessa maneira, pode-se afirmar que a Língua Portuguesa não apresenta apenas construções na ordem SVO. Também é possível encontrar orações que possuam ordem invertida. Assim, a ordem canônica (SVO) pode sofrer alterações dependendo do contexto. Em suma, de acordo com Berlinck, Augusto e Scher (2004), a ordem VSO também é autorizada pelos gramáticos como uma possibilidade de ordenação das orações.

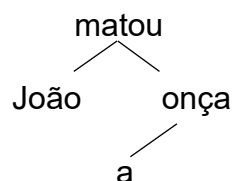
4 ANÁLISE

Neste capítulo são apresentadas as orações que foram elicitadas com a ajuda da colaborada Kaingang. A gramática de valências foi aplicada nessas orações e, assim, analisamos como se dá a ordem oracional na língua Kaingang contrastando com a ordem oracional da língua portuguesa.

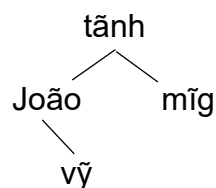
4.1 VALÊNCIA VERBAL NA LÍNGUA KAINGANG

A gramática de valências toma como nuclear um elemento oracional, o verbo, e demonstra como os demais elementos se dispõem em torno dele por meio de relações de dependência. Ex.: *João matou a onça*.

Do ponto de vista da gramática tradicional, essa é uma oração classificada como transitiva direta, com a ordem: sujeito – objeto direto – verbo. Na gramática de Valências, a frase se configura conforme o gráfico a seguir:



A mesma oração na língua Kaingang, *João vỹ mĩg tãnh*, é classificada pela teoria das valências, de acordo com a estrutura abaixo:



O morfema *vỹ* é marcador do sujeito na língua Kaingang; neste exemplo está ligado ao sujeito *João*. Desta forma, aplicando a gramática de valências, *vỹ* é dependente de *João* na estrutura frasal, pois é necessário para indicar a condição de tópico do sujeito (WIESEMANN, 2011, p. 160). Mesmo que não se considere *vỹ* como marcador de sujeito é fato que é um morfema que acompanha o substantivo *João*, que é núcleo do sujeito, e que esta oração não pode prescindir dele nessa posição.

4.2 VALÊNCIA QUANTITATIVA

Do ponto de vista quantitativo, os verbos na língua portuguesa comportam de zero a quatro argumentos. Nos exemplos a seguir, vemos como os verbos na língua Kaingang se comportam, tendo como ponto de partida os verbos em português.

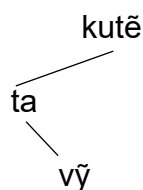
4.2.1 Verbos Avalentes

Valência zero (V0) ou Avalentes: os chamados verbos impessoais são os que se realizam apenas pelo predicado, que tanto pode centrar-se num verbo (*trovejar*, *nevar*, *chover*), com num nome abstrato (frio, calor) ou em um adjetivo (quente, frio). Em Kaingang, contudo, não existem verbos avalentes, visto que sempre é necessária a existência de um sujeito nas orações, assim como acontece com o Inglês e o Francês, por exemplo. Trazemos dois exemplos de verbos avalentes em português, que em Kaingang são monovalentes:

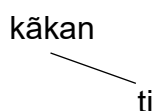
Exemplos: *choveu* - *ta vỹ kutẽ* (lit. 'a chuva caiu')

ventou - *kãkan ti* (que apresenta a 3ª pessoa masculino singular, *ti*, como argumento sujeito) (lit. 'ele ventou').

- 3) *ta* *vỹ* *kutẽ*
 chuva MS cair
 'choveu'



- 4) *kãkan* *ti*
 ventar 3SG.M
 'ventou'



Nos exemplos 3 e 4, avalentes em português, mas monovalentes em Kaingang, pode-se notar o posicionamento dos sujeitos da oração: à esquerda, por ser nominal;

à direita, por ser pronominal. Não somente o posicionamento dos sujeitos pode ser um dificultador para o aprendizado e a realização da L2, mas também o fato de, em Português, alguns verbos serem avalentes, ou seja, impessoais na terminologia da GT, o que não acontece em Kaingang. Assim, é preciso um trabalho especial com os verbos avalentes mais comuns: verbo *fazer* (indicando tempo decorrido); verbo *haver* (somente com sentido de existir) e verbos que indicam fenômenos da natureza e atmosféricos, todos eles conjugados apenas na forma da 3ª pessoa do singular, quando o sentido é literal.

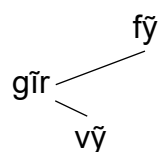
4.2.2 Verbos Monovalentes

Valência 1 (V1) ou Monovalentes: há no verbo um “lugar vazio” para completar seu sentido. Exemplos: *Eu caí*, *Nós chegamos*. Os verbos monovalentes podem ser associados na gramática tradicional aos verbos intransitivos (possuem sentido completo, não necessitando de nenhum complemento verbal).

No exemplo *Gĩr vỹ fỹ* ('o menino chorou'), o sujeito é nominal, sendo a ordem, em ambas as línguas, S V.

- 5) *Gĩr* *vỹ* *fỹ*
 menino MS chorar
 'O menino chorou'

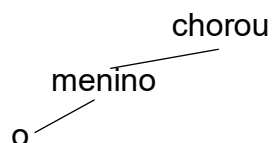
Nesse exemplo, a frase é classificada de acordo com a gramática de valências, conforme a estrutura a seguir:



A tradução da frase para o português, *O menino chorou*, na gramática tradicional, é classificada como uma oração intransitiva, com o sujeito nominal e a ordem é sujeito – verbo. Podemos perceber que, diferentemente do português, a oração em Kaingang possui o marcador de sujeito *vỹ*, que, na estrutura frasal, é dependente do *gĩr*, menino, porém a ordem S V é a mesma.

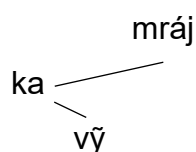
Na língua portuguesa, a mesma frase consiste em:

- 5.1) *O menino chorou*
 S VI



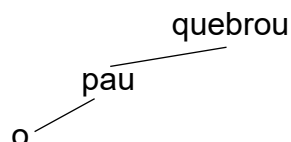
Trazemos a análise de outra oração com verbo monovalente e sujeito nominal:

- 6) *Ka vỹ mráj*
 Pau MS quebrar
 'O pau quebrou'



Essa oração, na língua portuguesa, também é considerada intransitiva. Na língua Kaingang, é possível notar que a ordem é SV, pois temos o sujeito *pau* seguido do marcador de sujeito e do verbo quebrar. Na língua portuguesa, temos

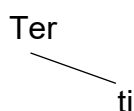
- 6.1) *O pau quebrou*
 S VI



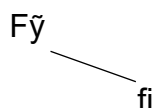
Em 5 e 6, nota-se a repetição das mesmas estruturas, cada uma referente a uma língua, o que, inicialmente, é uma.

A seguir, há exemplos de oração com verbo monovalente, agora, porém com sujeito pronominal. Iniciamos com três orações declarativas no presente do indicativo, cuja ordem em Português é S VI e em Kaingang, VI S:

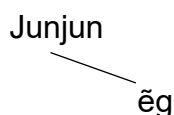
- 7) *Ter ti*
 Morrer 3MSG
 'ele morreu'



- 8) *Fÿ* *fi*
 Chorar 3FSG
 'ela chorou'



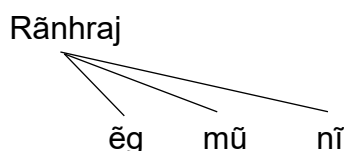
- 9) *Junjun* *ẽg*
 Chegamos 1PL
 'Nós chegamos'



Nota-se que, em 7-9, o padrão V S foi mantido nas orações declarativas com sujeito pronominal, enquanto em Português o padrão continua S V.

Na oração seguinte, temos o que a GT chama de oração com verbo no gerúndio em português.

- 10) *Rãnhraj* *ẽg* *mũ* *nĩ*
 trabalhar 1PL ASP ASP
 'Estamos trabalhando'



Na tradução da frase, *Estamos trabalhando*, há uma oração que também pode ser classificada como intransitiva. Nela, há uma locução verbal e sujeito oculto, mas, ainda assim, pode-se afirmar que ela se encontra na ordem direta. Na língua Kaingang, pode-se notar a mesma diferença de 7-9, pois a oração em Kaingang inicia com o verbo e, apenas depois dele, temos o sujeito *ẽg*, seguido dos marcadores de aspecto que, segundo Alves (2021), quando unidos representam uma oração com sentido de que se está fazendo algo sentido. A mudança no aspecto verbal, então, é o que diferencia a oração 10 das 3 anteriores, visto que ganha morfemas à direita do sujeito pronominal, diferença prevista no contraste entre línguas com características mais aglutinantes (como o Kaingang) e mais flexionais (como o Português).

Quando temos a ocorrência de sujeito pronominal em orações com verbos monovalentes, o sujeito não é acompanhado do morfema que acompanha o sujeito nominal (FERRO, 2021, p. 26). Em relação à ordem, ocorre a modificação quando contrastada com a língua portuguesa. No Kaingang ela passa a ser VS. Já na língua portuguesa, a ordem continua sendo SV:

7.1) *Ele morreu*

S VI

morreu
Ele

8.1) *Ela chorou*

S VI

chorou
Ela

9.1) *Nós chegamos*

S VI

chegamos
Nós

10.1) *Estamos trabalhando*

S VL V

estamos trabalhando
[nós]

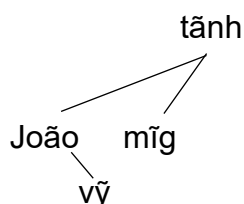
Identificar graficamente a estrutura das orações apresentadas até então pode ser um facilitador na aprendizagem da L2, mesmo que, no caso das orações com sujeito pronominal, a oração na L1 seja invertida no contraste com o Português.

4.2.3 Verbos Bivalentes

Valência 2 (V2) ou Bivalentes: os verbos precisam de dois “lugares vazios” para completar seu sentido (na gramática tradicional: o sujeito e objeto). Exemplo: *João vỹ mĩg tãnh* (‘João matou a onça’)

- 11) *João vỹ mĩg tãnh*
chuva MS onça matar
‘João matou a onça’

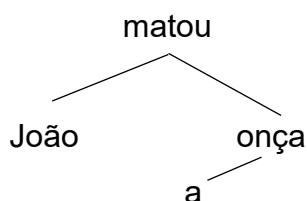
Nesse exemplo, a oração é classificada de acordo com a gramática de valências, conforme a estrutura a seguir, em que se encontra a ordem S O V em Kaingang e S V O em Português:



A tradução da oração para o português é *João matou a onça*, oração que, na gramática tradicional, é classificada como transitiva direta, com a ordem S O V em Kaingang. Podemos observar que nessa oração novamente aparece o marcador de sujeito *vỹ* na estrutura frasal, dependente, neste exemplo, de *João*. A ordem em português é S V O, apontando para a inversão entre V e O no contraste entre as línguas em questão:

11.1) *João matou a onça*

S VTD OD

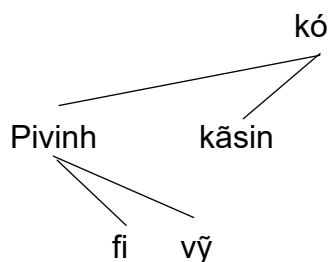


Vejam agora o exemplo 13, em que temos mais uma oração transitiva direta com sujeito nominal, que em Kaingang tem a ordem S O V:

13) *Pivinh fi vỹ kasĩn kó*

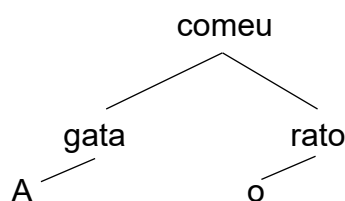
gato F MS rato comer

'A gata comeu o rato'



13.1) *A gata comeu o rato*

S VTD OD



A oração em Português tem a ordem S V O. A diferença entre as duas línguas, além da ordem já mencionada, é que os argumentos em português, desde que nominais, podem carregar consigo artigos como determinantes. Em Kaingang, não há artigos, então o OD desta oração, que é masculino, não é acompanhado de qualquer determinante (morfema zero); o sujeito, porém, sendo feminino é acompanhado pelo morfema *fi*, que tem a função de indicar o gênero feminino do substantivo, além de ser acompanhado pelo marcador de sujeito *vỹ*.

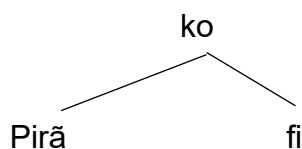
A ordem da oração na língua portuguesa consiste em SVO, ou seja, na ordem considerada canônica. Porém, na língua Kaingang, a ordem continua sendo SOV, o que diferencia mais uma vez do português. Além disso, é importante ressaltar que, como afirmado anteriormente, quando se tem um sujeito nominal a ordem na língua Kaingang é SOV. O que vem se confirmando até aqui em relação aos verbos bivalentes.

O mesmo ocorre com mais orações que possuem sujeito pronominal, como pode ser visto nos exemplos a seguir, casos em que a ordem é O V S:

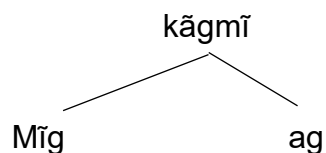
14) *Pirã ko fi*

peixe comer 3FSG

'Ela comeu o peixe.'

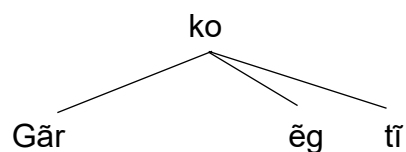


- 15) *Mĩg kãgmĩ ag*
 onça caçar 3MPL
 'Eles caçaram a onça.'



É importante destacar neste exemplo que “kãhmĩ – pegar, segurar, agarrar uma coisa longa” se trata de um verbo classificatório, cuja seleção e uso dependem de características semânticas do referente nominal na função de objeto.

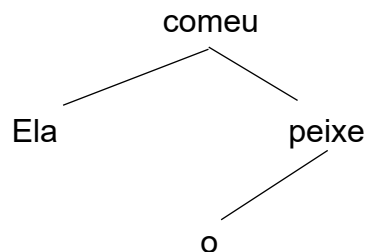
- 16) *Gãr ko ãg tĩ*
 milho comer 1PL ASP
 'Nós sempre comemos milho'



Em 16, assim como aconteceu em 10, morfemas cuja função é adicionar aspecto ao verbo ficam no final da oração, caso aqui de *tĩ*, que indica habitualidade.

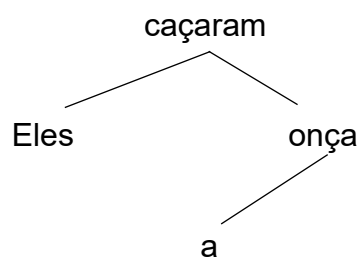
Na língua portuguesa, a estrutura dessas orações fica assim:

- 14.1) *Ela comeu o peixe*
 S VTD OD

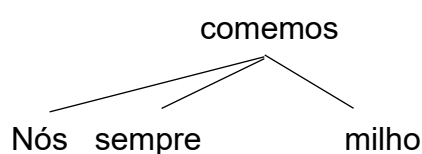


15.1) *Eles caçaram a onça*

S VTD OD

16.1) *Nós sempre comemos milho*

S VTD OD



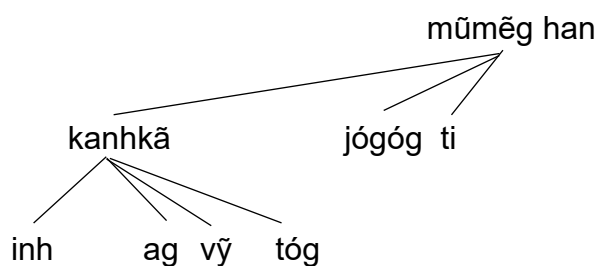
Assim, reafirmamos que na língua Kaingang ocorre uma mudança na ordem oracional quando o sujeito é pronominal. O mesmo, porém, não ocorre na língua portuguesa em relação a esse aspecto.

Outra oração analisada está representada abaixo e foi extraída do livro *Brilhos na Floresta*:

17) *Kỹ inh kanhkã ag vỹ tóg jógóg ti mũmẽg han.*

Então 1SG.POSS família 3PL MS ANÁF. GAVIÃO 3SG espantar

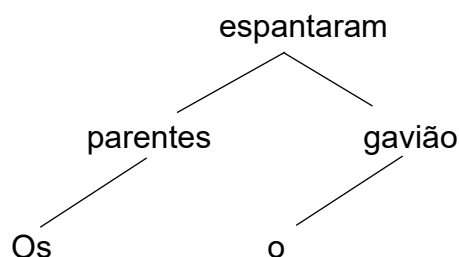
'Então os [meus] parentes espantaram o gavião'



Essa oração, na língua Kaingang, segue a estrutura S O e V. Porém, na língua Portuguesa temos a estrutura S V e O.

17.1) *Os parentes espantaram o gavião*

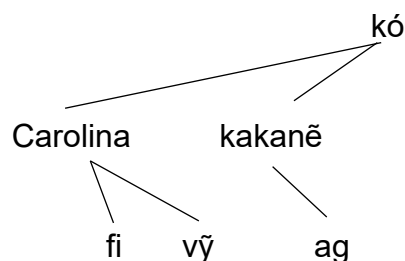
S V O



Por estar no contexto de uma história (sobre cogumelos bioluminescentes), elementos da narração aparecem no excerto, como *tóg* e *ti*, normalmente com função anafórica, o que raramente acontece na elicitación.

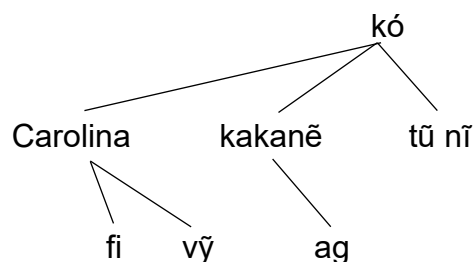
Ainda relacionado aos verbos bivalentes, trazemos agora, além das orações declarativas afirmativas, orações declarativas negativas e interrogativas:

- 19) *Carolina fi vỹ kakaně ag kó*
 Carolina F MS fruta M.PL comer
 'Carolina comeu as frutas'

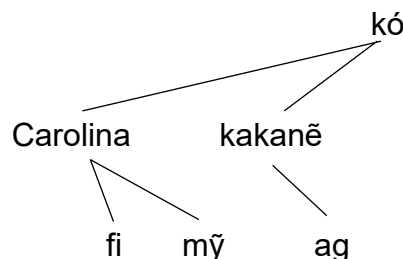


Nela, temos um sujeito nominal e a ordem da oração é SVO, assim como na língua portuguesa. A oração também foi analisada na forma negativa e interrogativa:

- 20) *Carolina fi vỹ kakaně ag kó tũ nĩ*
 Carolina F MS fruta M.PL comer NEG
 'Carolina não comeu as frutas'



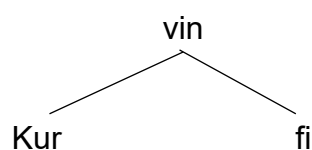
- 21) *Carolina fi mÿ kakanẽ ag kó?*
 Carolina F INT fruta M.PL comer
 Carolina comeu as frutas?



Em relação à ordem dos elementos das orações, não houve mudanças em orações negativas e interrogativas. As únicas diferenças são que, na oração negativa, o morfema responsável pela negação, *tũ nĩ*, se localiza à direita do verbo (em Português fica à esquerda); na oração interrogativa, o morfema responsável para interrogações, *mÿ*, se localiza à direita do sujeito, substituindo o morfema *vÿ*, usado nas orações declarativas do nosso *corpus* (este elemento não existe em Português, que expressa orações interrogativas apenas pela entonação).

Por último, foi analisada a seguinte oração declarativa afirmativa com sujeito pronominal e verbo bivalente, bem como sua versão negativa e interrogativa:

- 22) *Kur vin fi*
 Roupas entregar.PL ela
 'Ela entregou as roupas'

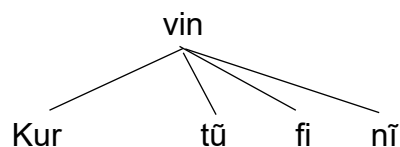


Na língua portuguesa, temos a ordem SVO. Porém, na língua Kaingang, a ordem muda para OVS, assim como foi apresentado nas outras orações com sujeito pronominal. Vejamos a mesma oração analisada em suas formas negativa e interrogativa:

23) *Kur vin tũ fi nĩ*

Roupa entregar.PL NEG 3F.SG

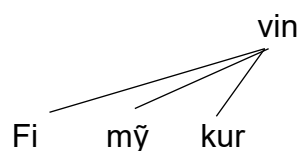
'Ela não entregou as roupas'



24) *Fi mĩ kur vin?*

3F.SG INT roupa entregar.PL

'Ela entregou as roupas?'



Em relação à forma negativa, a oração não sofre mudança na ordem em relação à afirmativa, exceto pela condição de o sujeito pronominal ter ficado entre *tũ* e *nĩ*, que formam a negação. Porém, ao ser passada para a forma interrogativa, a oração muda para a ordem SOV, mesmo o sujeito sendo pronominal. Pelos exemplos em que há um morfema diretamente ligado ao sujeito, esse morfema sempre está no início da oração, logo depois do sujeito.

4.2.4 Verbos Trivalentes

Valência 3 (V3) ou Trivalentes: são verbos que possuem três “lugares vazios” para completar seu sentido.

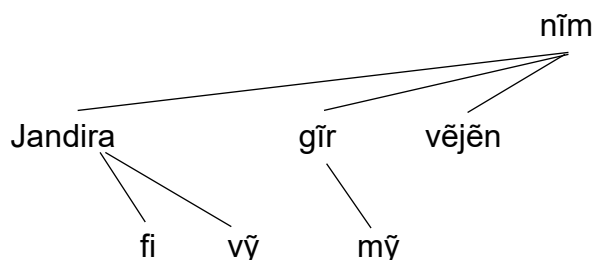
Exemplo: *Jandira fi vỹ gĩr mỹ vějěn nĩm* ('Jandira deu comida para o menino').

25) *Jandira fi vỹ gĩr mỹ vějěn nĩm*

Jandira F MS menino.para comida dar

'Jandira deu comida para o menino'

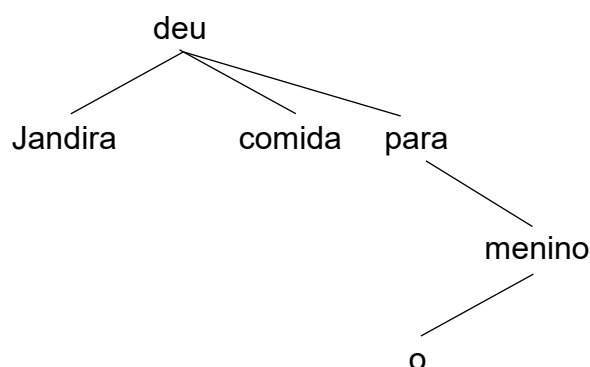
Nesse exemplo, a frase é classificada de acordo com a gramática de valências, conforme a estrutura a seguir:



A tradução da frase para o português é *Jandira deu comida para o menino*, que, pela gramática tradicional, é classificada como uma oração transitiva direta e indireta, apresentando a ordem S Oi Od V, ordem que, em português, é a seguinte: S V Od Oi.

25.1) *Jandira deu comida para o menino*

S V Od Oi



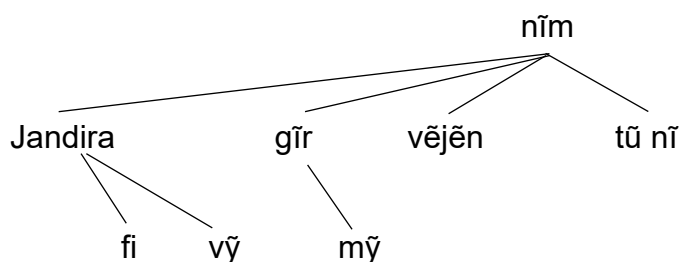
Esta estrutura, contrastivamente falando, é bastante diferente do português, visto que somente o sujeito pronominal mantém sua posição, no início da oração; os objetos têm posição invertida; e o verbo, que em português se localiza antes dos objetos, em kaingang se localiza depois deles. Assim, vemos a ordem inteira do predicado invertida, o sujeito permanecendo no início da oração.

A mesma oração foi vertida para a forma negativa:

26) *Jandira fi vỹ gĩr mỹ vễjẽn nĩm tũ nĩ*

Jandira F MS criança.PARA comida dar NEG

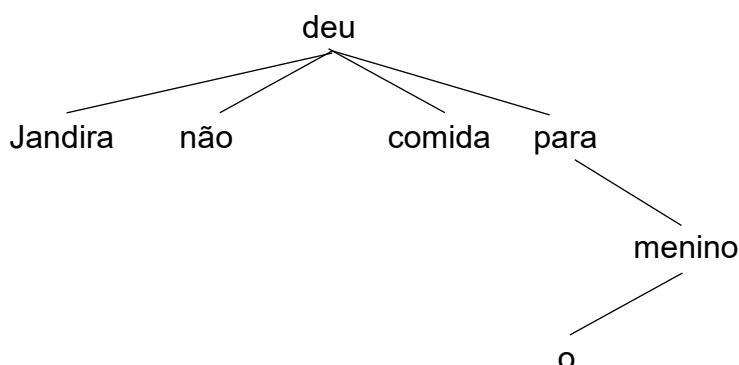
‘Jandira não deu comida para o menino’



A mesma oração em português tem a seguinte estrutura:

26.1) *Jandira não deu comida para o menino*

S V Od Oi

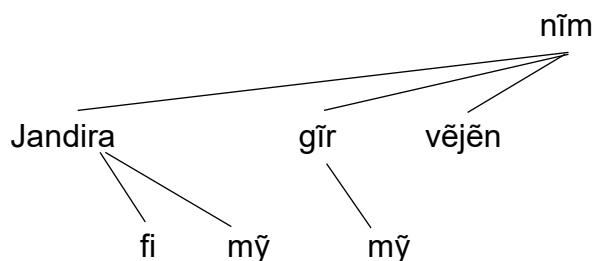


Pode-se perceber que a ordem dos elementos da oração não sofreu alteração estando na forma negativa. Sendo assim, temos a ordem S Oi Od V. Quando colocada na forma interrogativa, a ordem das palavras também não sofre alterações; a única modificação é a troca do morfema *vỹ* da oração declarativa para *mỹ* na oração interrogativa:

27) *Jandira fi mỹ gĩr mỹ vějěn nĩm?*

Jandira F INT criança.para comida dar

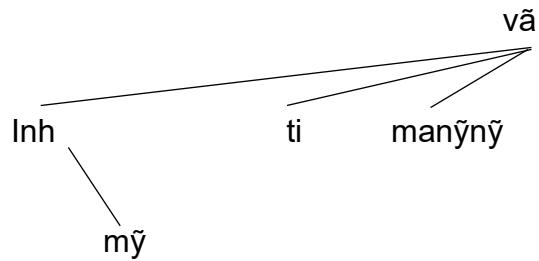
‘Jandira deu comida para o menino?’



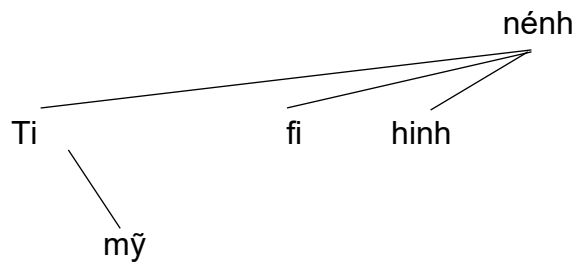
A oração 18 em português tem a mesma estrutura que a oração 16.1, mudando somente, em Português, a entonação para que a interrogação aconteça.

Outras orações analisadas foram as seguintes, agora com o sujeito pronominal fazendo parte de cada oração:

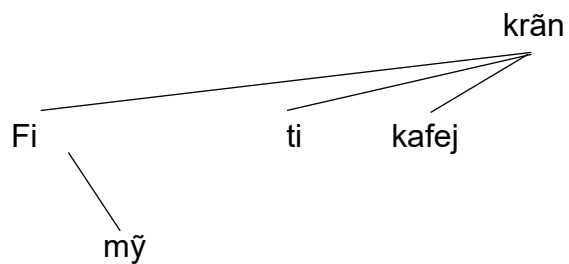
- 28) *Inh mǎ ti manǎnǎ vǎ*
 1SG para 3M.SG banana carregou
 'Ele carregou banana para mim.'



- 29) *Ti mǎ fi hinh nénh*
 3MSG.para 3F.SG tatu cozinhar
 "Ela cozinhou o tatu para ele"



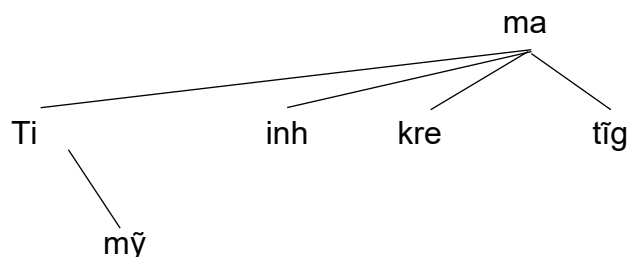
- 30) *Fi mǎ ti kafej krǎn*
 3F.SG.para 3M.SG flor plantar
 "Ele plantou a flor para ela."



31) *Ti mĩ inh kre ma tĩg*

3M.SG.para 1SG cesto carregar ir

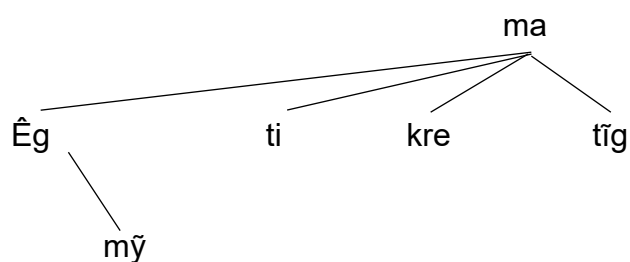
'Eu carreguei o cesto para ele.'



32) *Êg mĩ ti kre ma tĩg*

1PL para 3MSG cesto carregar ir

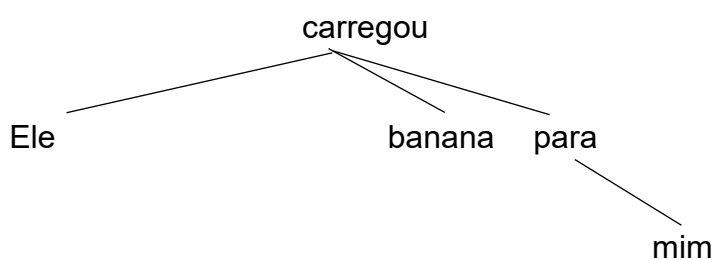
'Ele carregou o cesto para nós.'



Nelas, podemos constatar a presença de sujeitos pronominais. De acordo com Abreu (2009), em orações que apresentam objeto indireto e possuem sujeito pronominal a ordem que ocorre é Oi S Od V. Diferentemente disso, na língua portuguesa, temos a mesma ordem S V Od Oi das orações com sujeitos nominais:

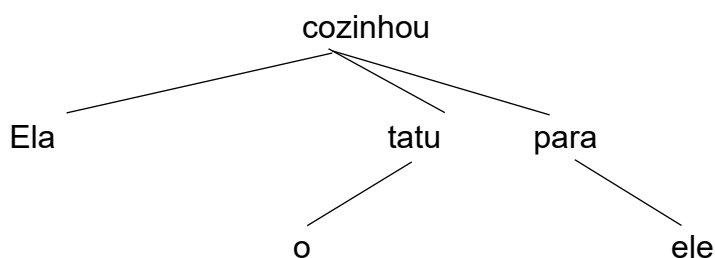
28.1) *Ele carregou banana para mim*

S V Od Oi



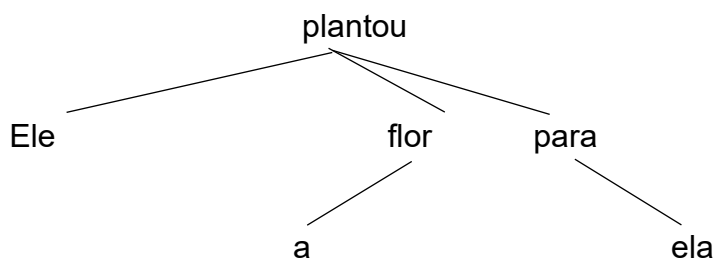
29.1) *Ela cozinhou o tatu para ele*

S V Od Oi



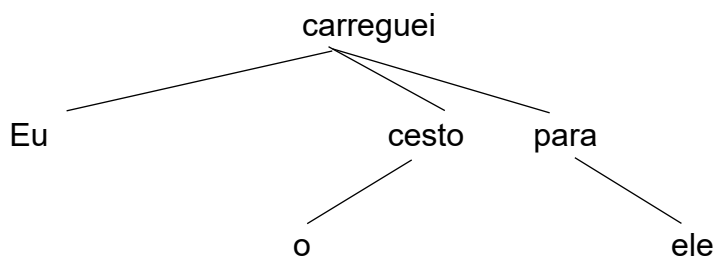
30.1) *Ele plantou a flor para ela*

S V Od Oi



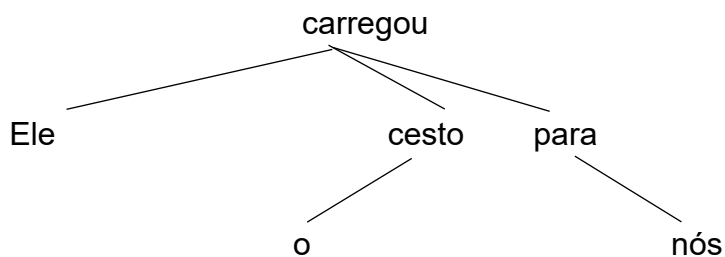
31.1) *Eu carreguei o cesto para ele*

S V Od Oi



32.1) *Ele carregou o cesto para nós*

S V Od Oi

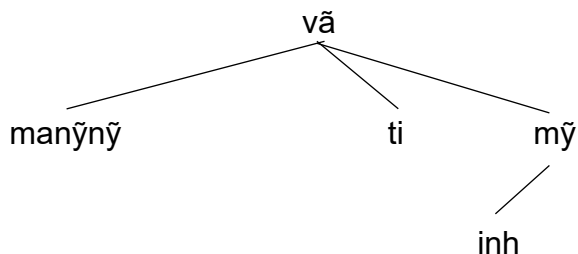


De acordo com a pesquisa de Ferro (2021), também pode ocorrer a ordem OD V S Oi. Isso pode ser observado nas seguintes orações:

33) *Manỹnỹ vã ti, inh mỹ*

banana carregou 3M.SG 1SG para

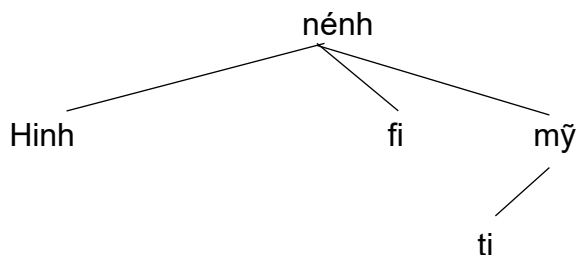
'Para mim, ele carregou a banana' (lit. A banana, ele carregou para mim)



34) *Hinh nính fi, ti mỹ*

tatu cozinhar 3F.SG 3M.SG para

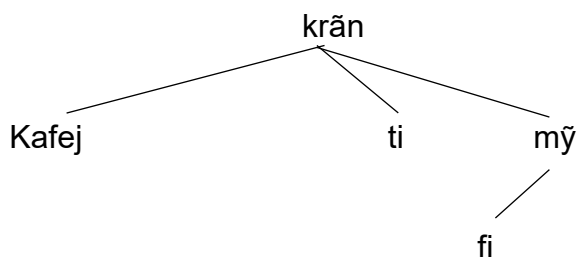
'Para ele, ela cozinhou tatu' (lit. O tatu, ela cozinhou para ele)



35) *Kafej krãn ti, fi mỹ*

flor plantar 3M.SG 3F.SG para

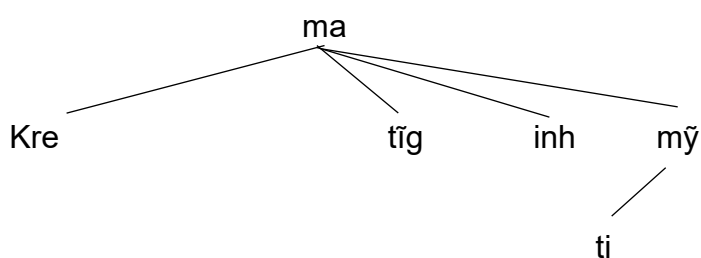
'Para ela, ele plantou a flor' (lit. A flor, ele plantou para ela)



36) *Kre ma tĩg inh, ti mỹ*

cesto levar ir 1SG 3M.SG para

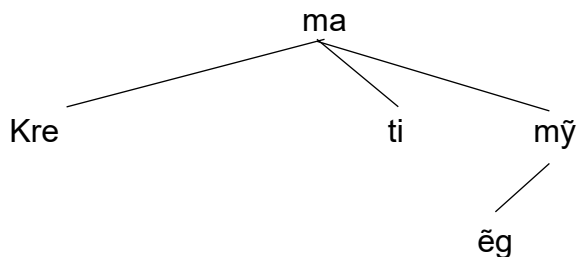
'Para ele, eu carreguei o cesto' (lit. O cesto, eu carreguei para ele)



37) *Kre ma ti tĩg, ěg mĩ*

cesto levar 3M.SG ir 1PL para

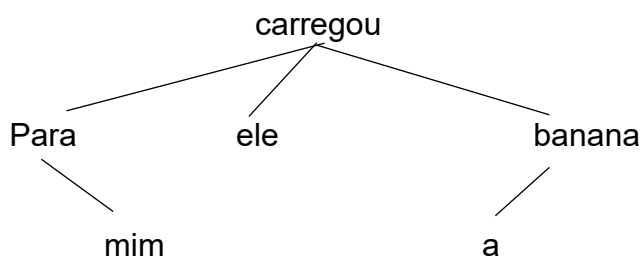
'Para nós, ele carregou o cesto' (lit. O cesto, ele carregou para nós)



Assim, nesses casos, ocorre a separação do OI por vírgula na língua escrita. Porém, de acordo com Ferro, na língua falada essa separação é marcada por uma pequena pausa. Em português, temos:

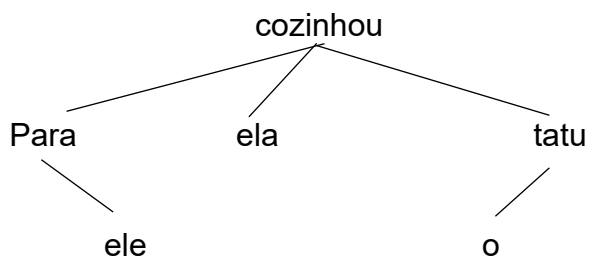
33.1) *Para mim, ele carregou a banana*

Oi S V Od



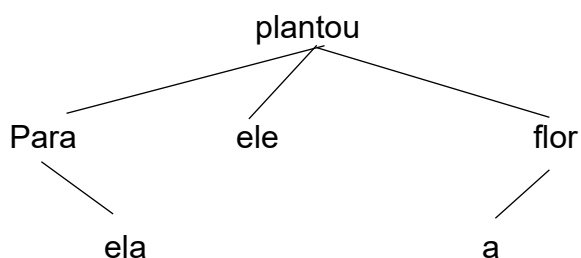
34.1) *Para ele, ela cozinhou o tatu*

Oi S V Od



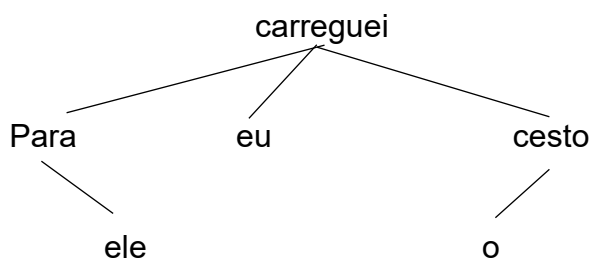
35.1) *Para ela, ele plantou a flor*

Oi S V Od



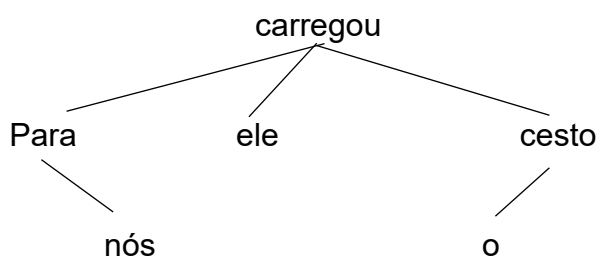
36.1) *Para ele, eu carreguei o cesto*

Oi S V Od



37.1) *Para nós, ele carregou o cesto*

Oi S V Od



Desse modo, diferentemente da língua Kaingang, na língua portuguesa temos o Oi iniciando a oração, seguido de sujeito, verbo e Od. Assim como na língua Kaingang, o objeto que inicia a frase é separado por vírgula na língua escrita e por uma pequena pausa na língua falada.

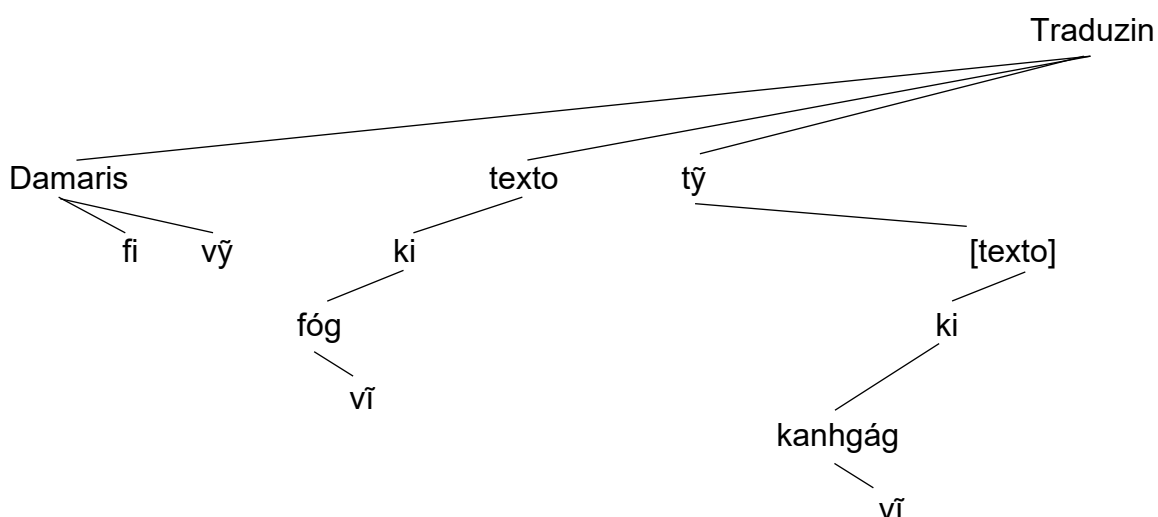
Com isso, pode-se constatar que na língua portuguesa podemos observar, nessa estrutura específica, a ordem Oi, S, V e Od quando o sujeito é pronominal. Porém, na língua Kaingang, a ordem de orações, classificadas dessa forma em português, é Od, V, S e Oi.

4.2.5 Verbos Tetravalentes

Valência 4 (V4) ou Tetravalentes: são verbos que possuem quatro “lugares vazios” para completar seu sentido. Exemplo: *Damaris fi vỹ fóg vĩ ki texto tỹ kanhgág vĩ ki traduzin*, que significa *Damaris traduziu o texto do Português para o Kaingang*.

38) *Damaris fi vỹ fóg vĩ ki texto tỹ kanhgág vĩ ki traduzin*
 Damaris F MS não indígena língua.em texto.de 54aingang língua.em traduzir
 ‘Damaris traduziu o texto do português para o 54aingang’

Nesse exemplo, a oração é classificada de acordo com a gramática de valências, conforme a estrutura a seguir:



O exemplo tetravalente em português se realiza como trivalente em Kaingang. A oração que *Felisbino traduziu o texto do Português para Kaingang*, com quatro argumentos na língua portuguesa, apresenta apenas três argumentos na versão em Kaingang. A estrutura da oração em português é S V Od Adj1 Adj2, enquanto em Kaingang a oração se realiza por meio da seguinte estrutura levando em conta a ocorrência de sujeito nominal: S Objeto direto 1 Objeto direto 2 V. Contrastando a estrutura das duas línguas, nota-se que a única diferença é o posicionamento do verbo, que, em português segue o sujeito, mas em Kaingang segue os objetos.

A mesma oração foi analisada em sua forma negativa e interrogativa:

39) *Damaris fi pijé texto tỹ vỹ fóg vĩ ki rá tỹ kanhgág vĩ ki traduzin*
 ‘Damaris não traduziu o texto do português para o Kaingang.’

40) *Damaris fi m̃y texto t̃y fóg ṽi ki nó t̃y kanhgág ṽi ki traduzin?*

‘Damaris traduziu o texto do português para o Kaingang?’

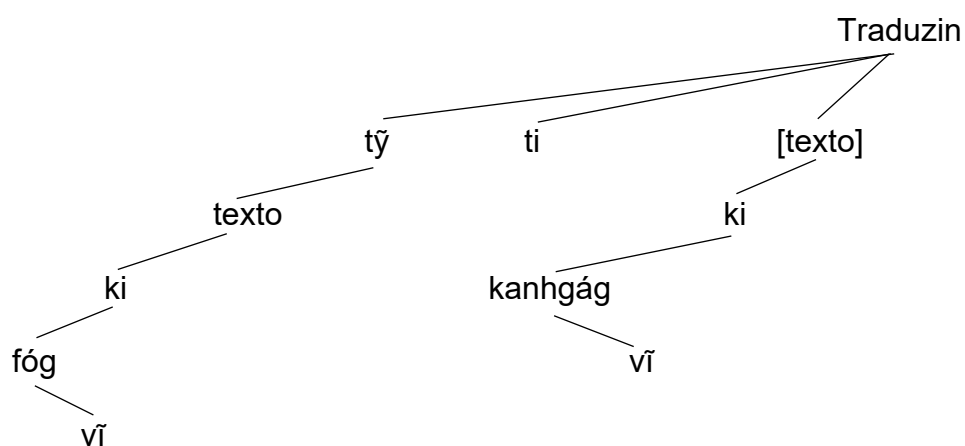
Assim como na forma afirmativa, no exemplo negativo e interrogativo temos a ordem S Objeto direto 1 Objeto direto 2 V, contrastando com a língua portuguesa.

A mesma oração também foi analisada nas formas afirmativas, negativa e interrogativa, mas com sujeito pronominal:

41) *Fóg ṽi ki texto t̃y ti kanhgág ṽi ki traduzin.*

Não indígena língua.em texto de 3SG Kaingang língua.em traduzir

‘Ele traduziu o texto do português para o 55aingang.’

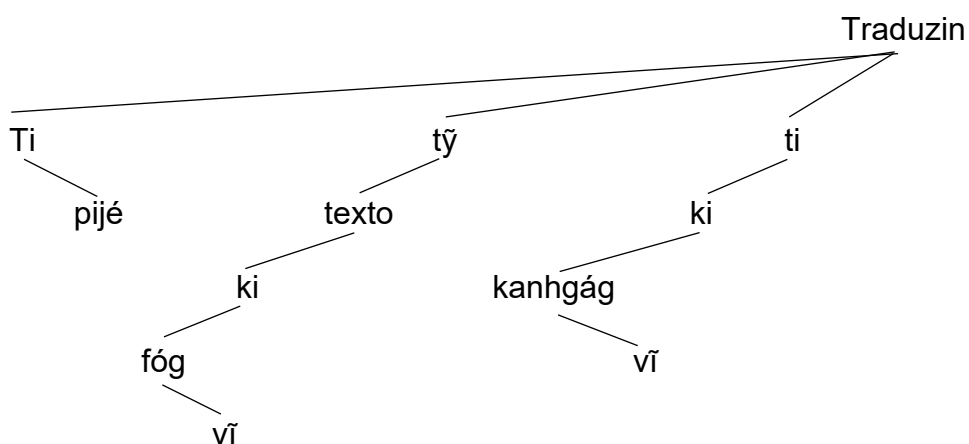


42) *Ti pijé fóg ṽi ki texto t̃y ti kanhgág ṽi ki traduzin*

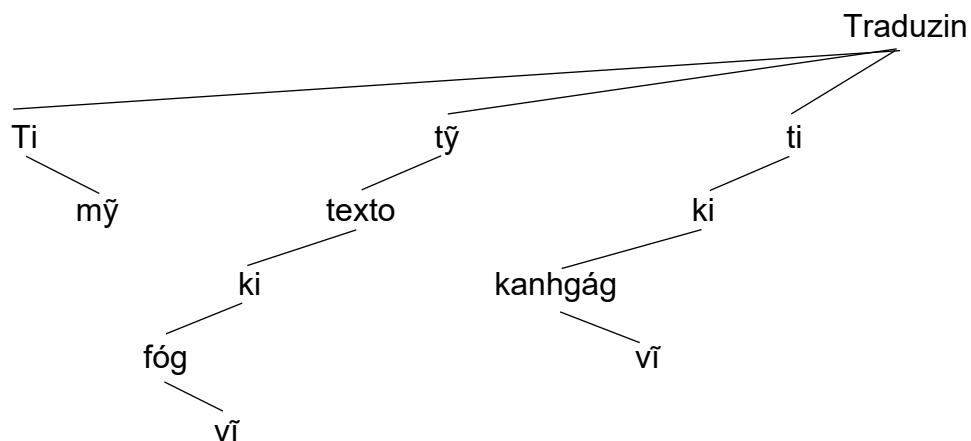
3SG MS.NEG não indígena língua.em texto de 3SG Kaingang língua.emtraduzir

O marcador “pijé” indica que o sujeito não faz a ação.

‘Ele não traduziu o texto do português para o 55aingang.’



- 43) *Ti mÿ fóg vĩ ki texto tÿ ti kanhgág vĩ ki traduzin?*
 3SG INT não indígena língua.em texto de 3SG Kaingang língua.em traduzir
 'Ele traduziu o texto do português para o kaingang?'



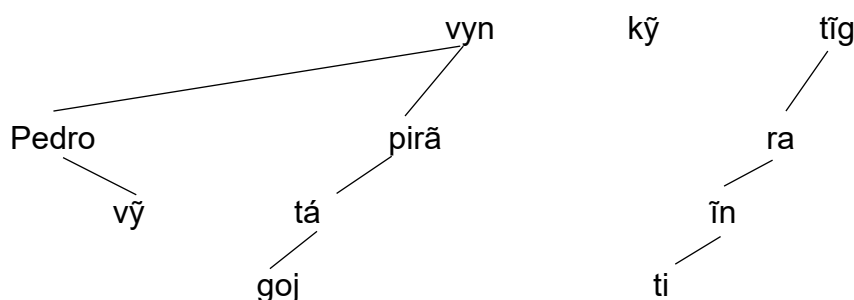
Nessas orações, temos a ordem Od1 S Od2 V na forma afirmativa, enquanto nas formas negativa e interrogativa a ordem é S Od1 Od2 V.

Outro exemplo desse caso são as orações a seguir:

- 44) *Pedro vÿ goj tá pirã vyn kÿ ti ãn ra tÿg.*

Pedro MS rio lá peixe **carregar** então ele casa para andar

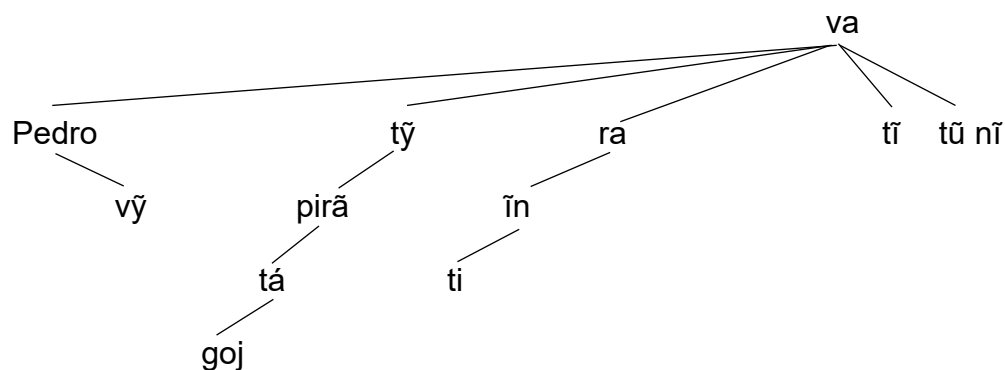
“O Pedro transportou o peixe do rio para a casa” (lit. ‘Pedro carregou o peixe do rio então ele andou para casa dele’)



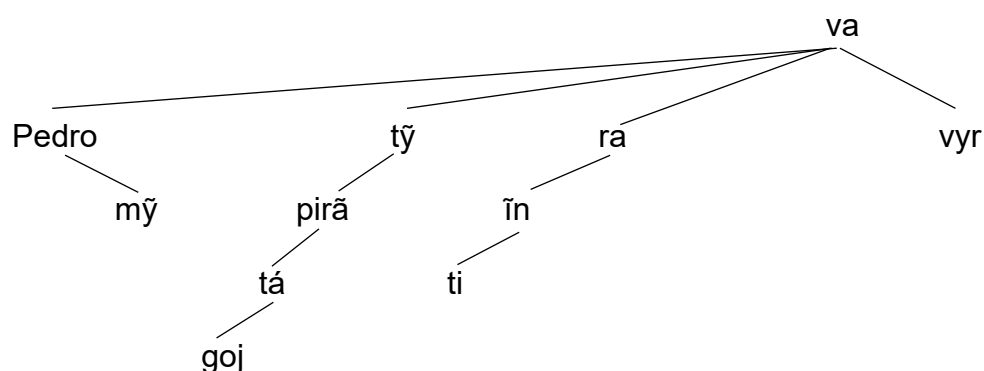
A oração com verbo tetravalente, que foi elicitada em português, foi traduzida por Felisbino em duas orações, uma principal e outra subordinada, ligadas pela conjunção *kÿ* (*então*), por isso a demonstração gráfica ficou com duas orações.

As formas negativa e interrogativa, porém ficaram com formato diferente, compostas por verbos trivalentes, demonstradas no gráfico pelas linhas à esquerda do verbo; à direita, estão o morfema indicador de aspecto e a negação, em 36, e o verbo auxiliar *ir* (*vyr*) em 37:

- 45) *Pedro vỹ goj tá pirã tỹ ti ãn ra va tĩ tũ nĩ*
 Pedro MS rio.lá no peixe do 3M.SG.POSS casa.para levar ASP NEG
 'Pedro não transportou o peixe do rio para casa dele'



- 46) *Pedro mỹ goj tá pirã tỹ ti ãn ra va vyr?*
 Pedro MS rio.lá no peixe de 3M.SG casa.para levar ir
 'Pedro transportou o peixe do rio para casa dele?'

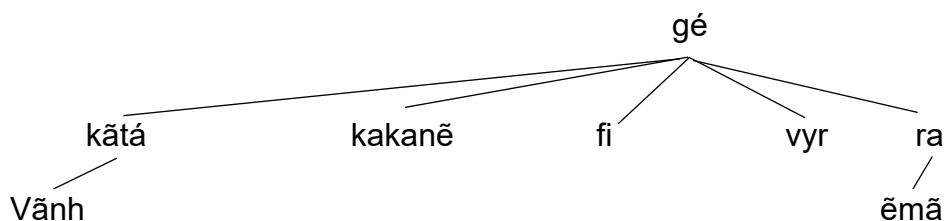


Nas orações 35-37, temos a presença de um sujeito nominal "Pedro". Assim, a ordem em português consiste em sujeito seguido de verbo, objeto direto e os dois adjuntos; após isso, temos o objeto indireto (S V O Adj1 Adj2). Em Kaingang, a ordem da oração se inicia com o sujeito, seguido do objeto direto, verbo e objeto indireto por último. Assim, em português temos uma oração S V Od Oi, enquanto em Kaingang temos a estrutura S Od V Oi.

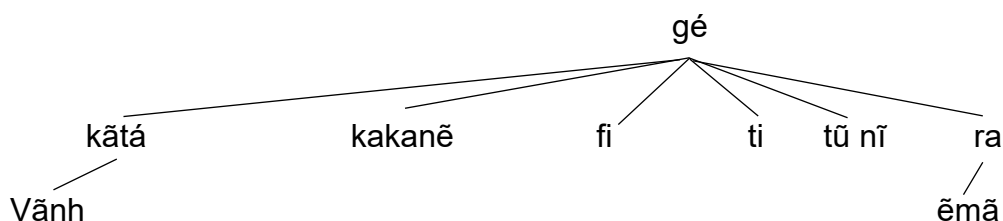
É importante ressaltar que a oração em Kaingang foi gerada por uma elicitación de uma oração em Português. Em um caso de versão do Kaingang para o Português, temos duas possibilidades ((a) *O Pedro transportou o peixe do rio para a casa* e (b) *Pedro carregou o peixe do rio então ele andou para casa*). Assim, nota-se que em certas situações pode não haver uma tradução exata do Kaingang para o português.

Também foram analisadas as seguintes orações com verbos tetravalentes e sujeito pronominal:

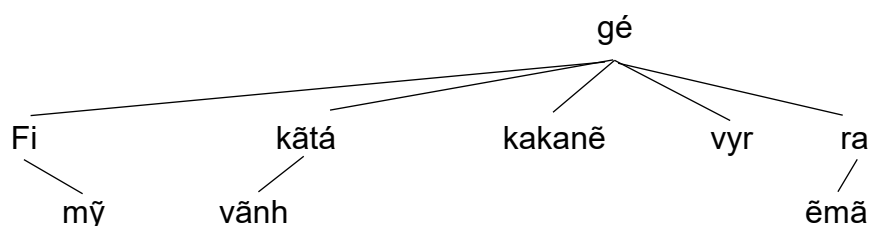
- 47) *Vānh kātá kakanē gé fi vyr ěmā ra*
 Floresta dentro fruta levar 3F.SG ir cidade para
 'Ela levou as frutas da floresta para a cidade'



- 48) *Vānh kātá kakanē gé fi ti tũ nĩ ěmā ra*
 Floresta dentro fruta levar 3F.SG ir NEG moradia para
 'Ela não levou as frutas da floresta para a cidade'



- 49) *Fi mĩ vānh kātá kakanē gé vyr ěmā ra?*
 3F.SG INT floresta dentro fruta levar ir moradia para
 'Ela levou as frutas da floresta para a cidade?'



Nas orações acima, temos a ordem Od V S Adj nas orações declarativas afirmativa e negativa. Porém, na forma interrogativa, ocorre a mudança da ordem para S Od V Adj. No português, a estrutura é sempre a mesma: S V Od Adj1 Adj2

CONTRASTES PRELIMINARES

Com base nestes estudos, apresento alguns exemplos de como se dá a estruturação na gramática de valências e como a contrastação das línguas pode

contribuir para o ensino e a aprendizagem dessas línguas, tendo como ponto de partida a análise de orações simples em Kaingang. Por exemplo: a oração (2) *Gãr fãn fi* é descrita de acordo com a gramática de valências com um verbo bivalente, ou seja, possui duas casas vazias dependendo do verbo. Repetimos a oração aqui:

50) *Gãr fãn fi*
 Milho colher 3SG.F
 'ela colheu o milho'

Essas casas vazias são *gãr* representado por X e *fi* representado por Y. Essa oração em tradução literal significa “milho colheu ela” e seu significado em português é “ela colheu o milho”.

Tendo como ponto de partida a relação de dependência dos elementos da frase, de acordo com a classificação da gramática de valências, no Kaingang, podemos observar que as palavras têm a mesma dependência do verbo na língua portuguesa. Por meio dessa constatação e utilizando o modelo de análise de erros da linguística contrastiva, podemos concentrar nossas atenções nas dificuldades de aprendizado em relação à ordem das palavras e produzir materiais didáticos voltados a essa diferença, partindo das semelhanças e diferenças entre essas línguas. Neste caso, o contraste mostra que, em português, a ordem nessa oração é sujeito pronominal + verbo + complemento (Sp V O); em Kaingang, a ordem é exatamente inversa, ou seja, (O V Sp). A partir daqui, o desafio foi a maneira de transformar essas informações em ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo estabelecer um contraste entre a Língua Portuguesa e a Língua Kaingang com o propósito de auxiliar o ensino e fornecer fundo teórico para auxiliar na elaboração de uma gramática pedagógica da Língua Kaingang. Uma gramática que considere não apenas fatores linguísticos, mas também respeite o povo Kaingang e sua maneira de enxergar o mundo, que se reflete na língua.

Assim, a partir da gramática de valências e da linguística contrastiva, foi estabelecida uma comparação entre a ordem das palavras no português e no Kaingang. Para isso, foram analisadas algumas orações em Português e em Kaingang e, a partir delas, foram descritas as igualdades, as semelhanças e as diferenças.

Por meio da gramática de valências e da linguística contrastiva, foi possível estabelecer as igualdades, as semelhanças e as diferenças entre a língua portuguesa e a língua Kaingang no que diz respeito à ordem das palavras nessas duas línguas.

A metodologia foi inicialmente a pesquisa bibliográfica em teorias já existentes sobre a gramática de valências, a linguística contrastiva e a língua Kaingang. A coleta de dados foi realizada por meio de situações reais de fala com participantes falantes da língua Kaingang. Apesar das limitações devido à pandemia da Covid-19, a coleta pôde ser realizada por gravações feitas pelos participantes, via áudio de WhatsApp, enviados pela colaboradora participante, a professora bilíngue Damaris Kanĩnsãnh Felisbino, moradora da Terra Indígena Apucarantina.

Com isso, foi possível concluir que a ordem das orações na língua portuguesa consiste em SVO, porém pode ocorrer uma inversão caso o objetivo seja enfatizar alguma parte específica das orações.

Há de se considerar, em um trabalho como este, qual é a língua materna e qual é a língua-alvo, pois, de acordo com a pesquisa realizada, existirão os seguintes tipos de aprendizes: a) indígenas que não falam o Kaingang, porém vivem na TI e tiveram sua formação de fala e escrita em português, então, para esse caso, a língua materna será a língua portuguesa; b) indígenas que falam o Kaingang como língua materna, mas precisam de aprimoramento na compreensão e uso da língua portuguesa, entre outras variáveis.

Ao aplicar a gramática de valências tanto à língua Kaingang como à língua Portuguesa, temos uma base segura para descrever as diferenças e as semelhanças

sintático-estruturais das orações dessas línguas (e também, do ponto de vista pedagógico, para poder ensinar os verbos juntamente com os seus planos de construção frásica). Além disso, a gramática de valências se torna essencial, pois, com base nela, podemos estabelecer princípios que regem a ordem das palavras na oração.

Em relação à análise dos dados obtidos, pode-se concluir que, do ponto de vista quantitativo, os verbos na língua portuguesa comportam de zero a quatro argumentos, sendo classificados como verbos avalentes, monovalentes, bivalentes, trivalentes e tetravalentes.

Os verbos de valência zero (V0) ou avalentes se realizam apenas pelo predicado e que tanto pode centrar-se num verbo (*trovejar, nevar, chover*), com num nome abstrato (frio, calor) ou em um adjetivo (quente, frio). De acordo com a análise, pode-se concluir que não existem verbos avalentes na língua Kaingang, visto que sempre é necessária a existência de um sujeito nas orações.

Os verbos de valência 1 (V1) ou Monovalentes são aqueles que possuem um “lugar vazio” para completar o sentido do verbo e podem ser associados na gramática tradicional aos verbos intransitivos (possuem sentido completo, não necessitando de nenhum complemento verbal). De acordo com os dados coletados, na língua portuguesa a ordem das orações com verbos monovalentes é a direta (SV); em Kaingang, a ordem é a mesma quando o sujeito for nominal, porém, quando o sujeito é pronominal, ocorre a inversão da ordem, passando a ser VS.

Em relação aos verbos de valência 2 (V2) ou Bivalentes, eles precisam de dois “lugares vazios” para completar o sentido do verbo (na gramática tradicional: o sujeito e objeto). A ordem da oração na língua portuguesa consiste em SVO, ou seja, a ordem considerada canônica. Porém, na língua Kaingang, a ordem é SOV, quando temos a presença de um sujeito nominal; quando o sujeito apresentado é pronominal, a ordem das palavras sofre modificação na língua Kaingang, passando a ser OVS. O mesmo, porém, não ocorre na língua portuguesa em relação a esse aspecto.

Os verbos de valência 3 (V3) ou Trivalentes são os que possuem três “lugares vazios” para completar o sentido do verbo. Em orações com esses verbos na língua portuguesa, a ordem apresentada consiste em S V Od Oi. Porém, na língua Kaingang, temos a ordem S Oi Od V quando o sujeito é nominal; nas orações que possuem a presença de sujeitos pronominais, a ordem que ocorre é Oi S Od V. Além disso, de acordo com a pesquisa de Ferro (2021), também pode ocorrer a ordem OD, V S OI.

Nesses casos, ocorre a separação do Oi por vírgula na língua escrita. Porém, de acordo com Ferro, na língua falada essa separação é marcada por uma pequena pausa. Dessa maneira, diferentemente da língua Kaingang, na língua Portuguesa temos o Oi iniciando a oração, seguido de sujeito, verbo e Od. Assim como na língua Kaingang, o objeto que inicia a frase é separado por vírgula na língua escrita e por uma pequena pausa na língua falada.

Os verbos de valência 4 (V4) ou Tetravalentes possuem quatro “lugares vazios” para completar seu sentido. De acordo com o que foi analisado, pode-se concluir que os exemplos tetravalentes em português se realizam como trivalentes em Kaingang. A oração *Felisbino traduziu o texto do Português para Kaingang*, com quatro argumentos na língua portuguesa, apresenta apenas três argumentos na versão em Kaingang. A estrutura da oração em português é S V Od Adj1 Adj2, enquanto em Kaingang a oração se realiza por meio da seguinte estrutura levando em conta a ocorrência de sujeito nominal: S Od1 Od2 V. Contrastando a estrutura das duas línguas, nota-se que a única diferença é o posicionamento do verbo, que, em português segue o sujeito, mas em Kaingang segue os objetos.

Quando orações com sujeito pronominal foram analisadas, pôde-se observar que, nessas orações, temos a ordem Od1 S Od2 V na forma afirmativa, enquanto nas formas negativa e interrogativa a ordem é S Od1 Od2 V.

O principal objetivo desse estudo foi tanto fornecer fundos teóricos para elaboração de uma gramática pedagógica bilíngue da língua Kaingang quanto dar continuidade à descrição dessa língua, colaborando com a comunidade indígena, bem como com a comunidade científica.

Espero que o meu trabalho contribua com gramática pedagógica do Kaingang, mostrando como a Gramática de Valências pode ajudar na compreensão da estrutura das frases em Kaingang e na relação de dependência dos elementos da frase. Com a ajuda da Linguística Contrastiva, pretendo ajudar os Kaingang que querem ou precisam aprender a Língua Portuguesa e também os falantes de Português que desejam aprender o Kaingang.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Emília Rezende Rodrigues de. *Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingang*. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.
- ALVES, Jéssica Brandet. *Verbos copulativos em Kaingang: um estudo na TI Apucarantina*. Especialização (Especialização em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, 2021.
- ANDRADE, O. G. de. *Interlíngua oral e léxico de brasileiros aprendizes de espanhol*. Londrina: EDUEL, 2011.
- BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. *Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração*. Fórum Linguístico, v. 16, n. 4, p. 4254-4256, 2019.
- BERLINCK, R. A.; AUGUSTO, M. R. A.; SCHER, A. P. Sintaxe. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. V.1, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- BORBA, F. S. *Teoria Sintática*. São Paulo: Edusp, 1979.
- BORBA, F. S. *Uma Gramática de Valências para o Português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Postulados do Paradigma Interpretativista. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008. p. 31-40.
- BOTELHO, José Mario. A Ordem dos Termos em Português e a Topicalização. *Revista Philologus*, v. 16, n. 47, p. 45-61, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/47/03.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.
- BUSSE, W.; VILELA, M. *Gramática de Valências: Esboço de Apresentação e Aplicação ao Português*. Coimbra: Almedina, 1986.
- CORDER, S. P. The significance of learner's errors. *International Review of Applied Linguistics*, v. 5, n. 4, p. 161-170, 1967.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Gênero em Kaingáng? In: SANTOS, Ludoviko C. dos; PONTES, Ismael (org.). *Línguas Jê: estudos vários*. Londrina: Editora da UEL, 2002. p. 215-242.
- DOMINGUES, Gislaine. *Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang*. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- DURÃO, A. B. de A. B.; CANATO, A. P. M. B. O traço da língua materna na interlíngua de aprendizes de inglês como língua estrangeira. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, n. 6, p. 109-122, 2003.

ERES FERNÁNDEZ, G. M. A linguística contrastiva é uma área de estudo fora de época? Universidade de São Paulo. In: DURÃO, A. B. de A. B. (org.). *Linguística contrastiva: teoria e prática*. Londrina: Moriá, 2004. p. 3-9.

FERRO, Isabella Medeiros. *Indicadores de sujeito na Língua Kaingang: análises e considerações*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2021

FRANCO, António. A gramática de valências como modelo para a contrastação alemão-português: a ordem das palavras na frase alemã e portuguesa à luz desta gramática. In: DUAS LÍNGUAS EM CONTRASTE: PORTUGUÊS E ALEMÃO. 1989, Porto. *Actas [...]*. 1989. Porto: Universidade do Porto, 1989. p. 171-189. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo5951.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2022.

FRANCO, Claudio de Paiva. Um pouco de complexidade na Linguística Aplicada. *Horizontes de Linguística Aplicada*, v.12, n. 1, p. 183-197, 2013.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. *O Brasil Indígena*. Brasília: Funai; IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/arquivos/conteudo/ascom/2013/img/12-Dez/pdf-brasil-ind.pdf>. Acesso: 9 fev. 2022.

GRABIM. Gramática, Bilinguismo e Multietnia (projeto de pesquisa). *Ordem das palavras em Kaingang*. Londrina: UEL, 30 jul. 2020. Material não publicado.

HELLAN, L.; MALCHUKOV, A.; CENNAMO, M. *Contrastive Studies in Verbal Valency*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017.

IARTSEVA, V. N. *Lingvisticheskiĭ Entsiklopedičeskii Slovar* [Dicionário enciclopédico de linguística]. Moscou: Soviétskaia Entsiklopédiia, 1990.

JOLKESKY, Marcelo Pinho De Valhery. *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê meridional*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Campinas, Campinas 2010.

PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva: As valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

HELLAN, L.; MALCHUKOV, A.; CENNAMO, M. *Contrastive Studies in Verbal Valency*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2017.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará*. Campinas: Unicamp, 1993.

PERINI, M. A. *Estudos de gramática descritiva: As valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008.

RODRIGUES, Ayrton Dall'Igna. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas brasileiras*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

SANTOS GARGALLO, Isabel. *Análisis Contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva*. Madrid: Síntesis, 1993.

SELINKER, L. 'Interlanguage'. *International Review of Applied Linguistics* 10. 1972, pp. 209-131.

SELINKER, Larry; HAN, ZhaoHong. Fossilization: what we think we know. Paper presented at EUROSLA 6, Nijmegen, 1996. Disponível em: Acesso em: 12 fev. 2022.

SILVA, Fátima. Entre a gramática tradicional e a gramática de valências. *In: COLÓQUIO "A LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE PORTUGUÊS"*. *Actas [...]*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2001. p. 83-106. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/19666>. Acesso em: 10 dez 21.

SILVA, Nayara Maira da; SILVA, Elenice Israel da. Reflexões sobre a ordem "sujeito-verbo" no português brasileiro contemporâneo. *In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO.8., CONGRESSO INTERNACIONAL. 3., (Trabalho docente e processos educativos) Produção do conhecimento (perspectivas e desafios para a formação docente)*. *Anais [...]*. Uberaba: Uniube, 2015. p. 1-21. Disponível em: <https://www.uniube.br/eventos/epeduc/2015/completos/66.pdf>. Acesso em 31 jan. 2022.

SILVEIRA, Marcelo; OLIVEIRA, Juliana Machado de; RODRIGUES, Lucenilda Maria. As balizas da cosmologia Kaingang e o funcionamento da gramática: concordâncias várias. *In: SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH, 8., 27-30 set. 2021, Londrina*. *Anais [...]*. Londrina: Sepech, 2022, no prelo.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: UFPR, 2018.

VEIGA, Juracilda. Cosmologia Kaingang e suas práticas rituais. *In: TOMMASINO, Kimiye; MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva (org.)*. *Novas Contribuições aos Estudos Interdisciplinares dos Kaingang*. Londrina: UEL, 2004. p. 267-284.

WIESEMANN, Ursula. *Kaingang–Português Dicionário Bilingüe*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2011.

ZABROCKI, Ludwik. Grundfragen der konfrontativen Grammatik. *In: MOSER, Hugo. (ed.)*. *Probleme der kontrastiven Grammatik*. Jahrbuch 1969. Düsseldorf: Schwann, 1970. 31-52.